

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Artur Azevedo
Os Noivos



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Artur Azevedo

Os Noivos

(Teatro)

Publicado originalmente em 1880.

**Artur Nabantino Gonçalves de Azevedo
(1855 – 1908)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 513



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE

*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Artur Azevedo: “Os Noivos”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

OS NOIVOS

OPERETA DE COSTUMES EM 3 ATOS

Representada pela primeira vez no Rio de Janeiro no Teatro Fênix Dramática, em 12 de outubro de 1880.

A seu sogro e bom amigo, o Ilmo. Sr. Henrique Cardoso de Moraes, oferece, em sinal de muita gratidão, respeito, amizade e simpatia

Artur Azevedo.

Não quero fechar este folheto, sem deixar público o meu eterno agradecimento a Emília Adelaide, a festejada atriz, empresária do São Luís, pelo delicado acolhimento que se dignou a fazer a *Jóia*, e aos generosos e distintos artistas que tomaram parte na representação pela boa vontade com que se houveram no desempenho dos respectivos papéis.

A.A.

PERSONAGENS

O TENENTE-CORONEL
FREDERICO
PASSOS PEREIRA
O DOUTOR PINHEIRO
RAIMUNDO
O VIGÁRIO
O MESTRE ESCOLA
CLORINDO
LEONOR
FRANCELINA
DONA MARIA
SALUSTIANO
FABRÍCIO
UM ESCRAVO

Escravos, escravas, convidados, rapazes da escola.

A Cena passa-se no interior da província do Rio de Janeiro, na fazenda do Tenente Coronel. Atualidade.

ATO PRIMEIRO

Varanda. À esquerda um oratório iluminado, colocado sobre uma cômoda. Ao fundo, tábua de engomar. Do teto pende um lampião. Cadeiras de pau. Ao fundo, parapeito. Além, campo, em perspectiva.

CENA I

O Tenente-Coronel, de pé, junto ao oratório; ajoelhadas a seu lado Leonor e Dona Maria; mais afastados, e ajoelhados também, escravos e escravas. Rezam.

Ave Maria

CORO - Ave Maria, cheia de graça!
Ave Maria, cheia de amor!
Nossos pecados gentil perdoa,
Mãe adorada do Redentor!
Ave Maria, cheia de graça!
Ave Maria, cheia de luz!

Ave Maria, pomba divina!
Ave Maria, mãe de Jesus!

(Continua a música na orquestra. Erguem-se Todos silenciosamente.)

OS ESCRAVOS - A benção, sinhô? A benção, sinhá?

O TENENTE-CORONEL - Adeus.

LEONOR - Adeus. *(Vai encostar-se pensativa à cômoda.)*

O TENENTE-CORONEL - Tomem a benção à Senhora Dona Maria!

OS ESCRAVOS - A benção, sinhá velha?

DONA MARIA *(À parte.)* - Sinhá velha! Desavergonhados. *(Alto.)* Boa noite.

(Os escravos retiram-se, entoando um motivo da Ave-Maria. As vozes perdem-se ao longe.)

CENA II

O Tenente-Coronel, Leonor. Dona Maria.

O TENENTE-CORONEL *(Apagando as velas que iluminam o oratório e fechando-o.)* - Boa noite.

DONA MARIA *(Sentando-se.)* - Boa noite, Senhor Tenente Coronel.

LEONOR - A benção, dindinho?

O TENENTE-CORONEL - Deus te faça santa. *(Indo dar-lhe a mão a beijar.)* Deus te faça santa. *(Fazendo baixar o lampião e acendendo-o com um fósforo.)* Ainda está bastante claro, mas fica feito o serviço. Neste tempo, quando menos se espera, é noite fechada. *(Indo sentar-se junto de Dona Maria.)* Tem-se aborrecido muito na fazenda, não é assim, Senhora Dona Maria?

DONA MARIA - Eu? Pelo amor de Deus, Senhor Tenente-Coronel! Há oito dias que aqui estou e não tenho vontade alguma de voltar para a vila. Aquilo anda por lá muito civilizado. Ou viver na roça, mas na roça propriamente dita, ou corte; eu sou pelos extremos.

O TENENTE-CORONEL - Ainda bem!

DONA MARIA - Estou aqui tão bem como se estivesse em casa de minha irmã das Laranjeiras.

O TENENTE-CORONEL - Faça de conta que está em sua casa. Vou dar uma volta pelo terreiro. Até já, Senhora Dona Maria.

DONA MARIA - Até já, Senhor Tenente-Coronel.

O TENENTE-CORONEL - Até já, menina. Você anda triste; o que é isso?

LEONOR - Nada, dindinho.

O TENENTE-CORONEL (*Arremedando-a.*) - Nada, dindinho. - Quem bem nada não se afoga. (*Sai pelo fundo.*)

CENA III

Leonor, Dona Maria.

DONA MARIA - Seu padrinho tem razão, a senhora não tem estado no seu natural. Pois olhe, não parece que haja motivo... é tão feliz... (*Leonor chora.*) Então? O que dizia eu? Está chorando...

LEONOR - Não é nada...

DONA MARIA - Vamos... diga-me... Confie-me as suas mágoas. Quem sabe se não lhe poderei dar remédio? Donde não se espera, daí é que vem. (*Toma-a pela mão, fá-la sentar-se ao seu lado.*) Conte-me tudo.

LEONOR (*Lacrimosa.*) - A senhora lembra-se do Frederico?

DONA MARIA - Do filho do seu padrinho? Perfeitamente. E daí?

LEONOR - Quando o Frederico veio, há dois meses, passar as férias na fazenda, disse-me que gostava muito de mim.

DONA MARIA - E a senhora?

LEONOR - Eu... disse-lhe que também gostava muito dele.

DONA MARIA - E enganava-o?

LEONOR - Não; mas enganava-me a mim própria; porque, depois que voltou para a corte, nunca mais me lembrei dele.

DONA MARIA - E é isso motivo para andar triste?

LEONOR - O motivo é que jurei pela salvação de minha alma não pertencer a outro homem; dei-lhe a minha palavra de honra que o esperaria...

DONA MARIA - Mas apareceu o Doutor Pinheirinho, o juiz municipal, e a senhora esqueceu-se.

LEONOR - Do Frederico, é verdade... Oh! eu não desgosto do Frederico... fomos educados juntos por dindinho, que me recebeu em sua casa mal fiquei órfã... tendo-lhe amizade... mas ao Doutor Pinheirinho... (*Ergue-se. Dona Maria ergue-se também.*) Oh! ao Doutor Pinheirinho tenho o mais ardente amor!

COPLAS

I

- Eu quando o vi a vez primeira
nem sei dizer o que senti;
Pus-me a tremer desta maneira...
tremi... tremi...

DONA MARIA - Tremeu?

LEONOR - Tremi!
Deitar-me fui, mas não dormi...
E só lá pela madrugada,
É que fiquei mais sossegada...
Sentia como um peso aqui.

DONA MARIA - Aí?

LEONOR - Aqui

II

Com Frederico... é diferente...
Não sinto aquele mesmo ardor!
É que namoro isto é somente,
E o outro amor!

DONA MARIA - Amor!

LEONOR - Amor...
Ora imagine o dissabor,
se Frederico da promessa
o cumprimento quer depressa!
Valha-me Deus! que horror! que horror!

DONA MARIA - Que horror!

LEONOR - Que horror!

Aconselhe-me: a senhora no meu lugar, o que faria?

DONA MARIA - Sei lá! O que lhe recomendo é que - um ou OUTRO - agarre! Agarre com unhas e dentes! A senhora tem de mais o que muitas tem de menos, mas não facilite, que dia de fartura é véspera de necessidade. No meu tempo... quero dizer: quando eu era mais criança, os pretendentes eram assim. (*Gesto indicando que eram muitos.*) Facilitei, e o resultado foi este que a senhora está vendo... Mais feliz foi minha irmã das Laranjeiras. - Olhe, o que posso fazer é isto: Finjo-me apaixonada pelo Frederico; ele provavelmente fica pelo beicinho e esquece da senhora. Aceita?

LEONOR (*Irônica.*) - Aceito. É infalível.

O TENENTE-CORONEL (*Fora.*) Ó Leonor?

LEONOR - Dindinho chama-me. Com sua licença. (*Saindo.*) Senhor?

CENA IV

Dona Maria, só.

DONA MARIA - Pois será possível que eu não ache marido? Eu, que tenho quarenta apólices da dívida pública e uma casa assobradada na vila, afora o que ainda pode vir da minha irmã das Laranjeiras? A pretexto de mudar de ares, vim passar quinze dias na fazenda, com olho no Tenente-Coronel; mas qual! o diabo do homem pensa tanto em casar como eu em ficar solteira. Vou atirar o anzol ao filho! é um bonito rapaz e daqui a alguns tempos está senhor doutor! Há de ser um gosto! Não hei de faltar aos bailes, espetáculos, concertos, touradas, corridas e regatas!... Regatas, então! Não sei o que é, nunca vi... mas parece-me que hei de ser muito regateira. - Vou escrever a minha irmã das Laranjeiras. (*Vai saindo; entra o Doutor Pinheiro.*) Oh! Senhor Doutor Pinheirinho! Já... tão cedo?...

CENA V

Dona Maria, o Doutor Pinheiro.

O DOUTOR (*Em traje de montar.*) - Tem passado bem, minha senhora? (*Aperta a mão de Dona Maria.*)

DONA MARIA - Não... não... Muito nervosa... muito agitada... E o senhor? Está pálido! Sucedeu-lhe alguma coisa?

O DOUTOR - Sucedeu.

DONA MARIA - Sim? o que foi?

O DOUTOR - Faça o favor de ouvir, e, como já não é criança... e deve ter alguma experiência.

DONA MARIA - Pouco mais velha serei do que o senhor... Mas, enfim...

O DOUTOR - Mas enfim, há de dar-me um bom conselho talvez... Queira sentar-se... (*Sentam-se.*) Poucos dias antes de ser nomeado juiz municipal deste termo, caí em prometer casamento à filha de um empregado público, na corte.

DONA MARIA - Deveras? (*À parte.*) Que coincidência?

O DOUTOR - Faça a senhora idéia de que acabo de receber uma carta desse respeitável chefe de família.

DONA MARIA - Sim?

O DOUTOR (*Dando-lhe uma carta.*) - Leia.

DONA MARIA - Com sua licença. (*Lendo.*) "Doutor, como tenho de ir até essa vila, tratar de negócios relativos ao futuro da minha filha, peço-lhe que me dê em sua casa hospedagem por dois ou três dias. De seu amigo, Passos Pereira." (*Restituindo a carta.*) Está visto que o tal Passos Pereira vem buscar o cumprimento da promessa.

O DOUTOR - Mas ele nada sabia.

DONA MARIA - A filha provavelmente disse-lho. E razão teve ela! É um meio como outro qualquer e pôr um noivo no seguro. E os noivos são tão raros, meu

rico senhor doutor! Isto é: raros para umas... para outras não... Olhe, eu creio que estou resolvida...

O DOUTOR (*Erguendo-se.*) - A casar?

DONA MARIA (*Com indiferença.*) - A casar... Instam tanto comigo! O pretendente não lhe é estranho...

O DOUTOR - A mim? (*Sentando-se de novo.*) Mas, vamos! o que me aconselha, Senhora Dona Maria? Eu não desgosto de Francelina...

DONA MARIA - Francelina? Ah! É a filha do empregado público...

O DOUTOR - Não desgosto dela... Oh! mas depois que vi Leonor...

DONA MARIA (*À parte.*) - Tal e qual como a outra!

O DOUTOR - Oh! Leonor! (*Ergue-se, bem como Dona Maria.*)

RONDÓ

- Ai, que o teu rosto sereno
Enfeitiçou-me, Leonor!
Meu coração é pequeno,
Pequeno pra tanto amor!
Meus olhos por teus encantos
Enfeitiçados estão;
Eles são tais e tantos,
Que quase perco a razão!
A pobre mãe, que perdeste,
Amor te devera ter,
Porém mais forte do qu'este
Não to pudera of'recer.
Anjo de amor, adorado
Mais do que os anjos o são,
Ver-me contigo casado
É toda minha ambição.
Se num momento maldito,
Por outra o peito me arfou,
O dito dou por não dito,
Pois só teu... só teu... teu sou!
Ai, que o teu rosto sereno
Enfeitiçou-me Leonor!

Meu coração é pequeno,
Pequeno pra tanto amor.

Mas, afinal de contas, o que me aconselha, Senhora Dona Maria?

DONA MARIA - Eu lhe digo... *(Entra o Tenente-Coronel.)*

CENA VI

Dona Maria, o Doutor, o Tenente-Coronel, depois um negro.

O TENENTE-CORONEL - Ora viva, doutor; estava aí? *(Aperta-lhe a mão. Cumprimentam-se.)* Veio a propósito; tenho que lhe falar em particular.

DONA MARIA *(Fazendo uma mesura.)* - Visto isso, Senhor Tenente-Coronel!...

O TENENTE-CORONEL - São duas palavrinhas só. *(Dona Maria vai saindo. Entra um negro escravo com uma bandeja cheia de xícaras de café e açucareiro.)*

DONA MARIA - Está aí o café. *(Serve-se de uma xícara, tempera e sai. Enquanto sai, à parte.)* O que não me faz conta é que se desmanche o casamento com a Leonor. Quero o Frederico livre e desembaraçado. *(Desaparece. Durante o aparte, o negro tem-se aproximado dos dois, que se servem. O negro sai.)*

CENA VII

O Doutor, o Tenente-Coronel.

O TENENTE-CORONEL - Tanto paga de pé como sentado. *(Senta-se. Cena muda. Sorvem o café. O Tenente-Coronel deita os pés no pires, e esfria-o, soprando. Ao Doutor:)* Está bom de açúcar?

O DOUTOR - Muito bom.

O TENENTE-CORONEL - Deste, aposto que não se toma na corte.

O DOUTOR - Qual! Nem no Beco das Cancelas! *(Vai colocar as xícaras sobre o parapeito e volta a sentar-se. À parte.)* Onde vai tocar sei eu..

O TENENTE-CORONEL *(Solenemente.)* - Senhor Doutor Pinheirinho... ou por outra: Senhor Doutor Pinheiro... O meu compadre Chico Barbosa... ou por outra Francisco Barbosa... *(Pausa.)* morreu há dezesseis anos...

O DOUTOR (*À parte.*) - É o que eu digo...

O TENENTE-CORONEL - Deixou mulher e uma pequenita deste tamanho... A pequenita, porque a mulher... (*Indica o tamanho.*) A mulher pouco tempo sobreviveu ao dito meu compadre, e a pequenita, que é a Leonor, confiou-ma a viúva poucos momentos antes de morrer... Sou seu padrinho e tutor... A pequenita cresceu... Vossa Senhoria gostou dela; ela gostou de Vossa Senhoria... (*Com resolução.*) O que eu desejo saber, senhor doutor, é se esta letra está ou não está vencida!

O DOUTOR (*À parte.*) - O que dizia eu? (*Alto.*) É justo, Senhor Tenente-Coronel, e eu...

O TENENTE-CORONEL - Ah, meu tempo! meu tempo! Em 1840, quando um rapaz deitava os olhos numa rapariga, a primeira coisa que lhe perguntava era: - Quer casar comigo? E se a rapariga respondia: - Quero, sim, senhor, - lá ia ele direitinho aos pais; e não se lhe dava dez meses para tratarem...

O DOUTOR - Do casamento?

O TENENTE-CORONEL - Nada: do batizado. Hoje a coisa é outra! Dois anos para namorar... Para namorar? Que digo eu!... para... estudar o caráter da noiva... Leva um estafermo pespegado no vão de uma janela com a namorada, a dizer-lhe toleimas de toda a espécie... O que está fazendo? Estudando o caráter... Pervertendo-o, talvez! Verdade seja que isto hoje é uma necessidade... Em 1840, *oh! tempora, oh! mores* oh! assombrosa versatilidade dos anos! Como dizia o Padre Antônio Vieira, os caracteres eram Todos um, porque a educação era outra, e uma... Mas, como ia dizendo, dois anos para isto, um ano para preparar o enxoval, seis meses para tratar dos papéis, etc., etc., quando chega uma senhora a casar, já tem idade para criar pintos!

O DOUTOR (*Erguendo-se.*) - Senhor Tenente-Coronel, peço-lhe a mão de Dona Leonor em casamento.

O TENENTE-CORONEL (*Erguendo-se.*) - Isso! Anda mão, enfia dedo. 1840 no caso! Deixe-me chamar a pequena.

CENA VIII

O Doutor, o Tenente-Coronel, depois Leonor.

TERCETO

O TENENTE-CORONEL - Leonor! Leonor!

LEONOR (*Entrando.*) - Senhor! Senhor!
(*Cumprimentando.*) Senhor Doutor...

O DOUTOR (*Idem.*) - Minha senhora...

(*À parte.*) Como ela está encantadora!

O TENENTE-CORONEL (*Solene*)

- Minha afilhada e pupila,
O Doutor, neste momento,
Vai pedir em casamento
A tua mão.

LEONOR - A minha mão?

O DOUTOR - A sua mão.

(*À parte.*) Parece que ela vacila...

O TENENTE-CORONEL - Por isso quero que digas
Se sim ou não.

LEONOR - Se sim ou não?

O DOUTOR - Se sim ou não...

O TENENTE-CORONEL - Em quarenta as raparigas
Diziam logo que sim!
No meu tempo isto era assim!

OS TRÊS - No meu tempo era assim!

O TENENTE-CORONEL - Então? que dizes, menina?...
Diz qualquer coisa, sinhá!

O DOUTOR (*À parte.*) - O que dirá Francelina?

LEONOR (*À parte.*) - Frederico o que dirá?

(*Depois de alguns momentos de hesitação.*)

Eu considero bem feito
o que dindinho fizer.

O TENENTE-CORONEL - Aceitas, então?

LEONOR (*Com pequeno esforço.*) - Aceito...

O DOUTOR (*Enlaçando-a.*) - Queres ser minha mulher?
Queres ser, Leonor divina?

LEONOR (*Resoluta.*) - Quero, sim ora aqui está!

O DOUTOR (*À parte.*) - O que dirá Francelina?

LEONOR (*À parte.*) - Frederico, o que dirá?

JUNTOS

O DOUTOR, LEONOR
- Um noivo com duas noivas - Uma noiva com dois noivos!
Oh! que triste posição! Oh! que triste posição!
Se aparece o pai da outra, Se aparece o Frederico,
Vamos ter complicação. Vamos ter complicação.

O TENENTE-CORONEL - A pequena já tem noivo!
Que grande satisfação!
Tenho vencida uma letra!
Que prazer e que alegria!
'Stá dito então?

O DOUTOR - Gostas de mim?

LEONOR - Gosto, pois não!

O DOUTOR - Prazer sem fim!

O TENENTE-CORONEL - No meu tempo era assim!

OS TRÊS - No meu tempo era assim!

(Terminado o terceto, aparece ao fundo, no campo, Passos Pereira acompanhado por um pajem, que aponta para o Doutor e desaparece. Passos Pereira bate palmas.)

O TENENTE-CORONEL (*Ouvindo bater.*) - Quem nos honra?

PASSOS PEREIRA - Um criado.

O DOUTOR (*Reconhecendo-o, à parte.*) - O Passos Pereira! Estou perdido!

O TENENTE-CORONEL - Faça o favor de entrar!

CENA IX

O Doutor, o Tenente-Coronel, Leonor, Passos Pereira, depois Francelina, depois um pajem.

PASSOS PEREIRA (*Entrando.*) - Queria dar duas palavrinhas ao Senhor Doutor Pinheiro.

O DOUTOR - Senhor Passos Pereira! (*Abraçam-se.*) Recebi hoje a sua cartinha, mas só o esperava amanhã. Apresento-lhe o Senhor Tenente-Coronel João Leopoldo e sua afilhada, a senhora Dona Leonor. (*Passando pelo Tenente-Coronel, rapidamente e baixinho.*) Não lhe diga nada.

O TENENTE-CORONEL (*Apertando a mão de Passos Pereira.*) - Folgo de conhecê-lo.

PASSOS PEREIRA - Igualmente.

O TENENTE-CORONEL (*À parte.*) - O Doutor não quer que se saiba. Ah! 1840!...

PASSOS PEREIRA - Minha senhora... (*Mesura de Leonor.*) Fomos à sua casa na vila. A sua criada disse-nos que o encontraríamos aqui. Como era perto, viemos. O senhor sabe que sou o homem dos expedientes; arranjei logo três animais.

O DOUTOR - Três animais! Pois o senhor não veio só?

PASSOS PEREIRA - É verdade, ainda não lhes disse: vimos eu, minha filha e um pajem. (*Movimento do Doutor.*)

O TENENTE-CORONEL - E a senhora sua filha ficou lá fora? Pelo amor de Deus! (*Sobe ao fundo.*)

PASSOS PEREIRA (*Subindo.*) - Ela aí vem.

FRANCELINA (*Aparecendo com o pajem, que fica ao fundo.*) - Aqui estou, papai.

O DOUTOR (*À parte.*) - Ela! Oh! meu Deus! Estou suando frio!

PASSOS PEREIRA - Vê quem está cá, minha filha: O Doutor Pinheiro.

FRANCELINA - Ah!

O DOUTOR (*Embaraçado, sem encará-la.*) - Minha senhora...

FRANCELINA (*da mesma forma.*) - Senhor doutor...

PASSOS PEREIRA - Minha filha, Senhor Tenente-Coronel...

O TENENTE-CORONEL - Estimo conhecê-la, minha senhora; esteja a seu gosto. (*Francelina dirige-se a Leonor, beijam-se e depois conversam baixinho.*) Com licença... vou dar algumas ordens... Não façam cerimônias, hein?

PASSOS PEREIRA - Deixei as cerimônias na corte; ando farto delas.

O TENENTE-CORONEL - Assim é que eu gosto que me falem!... (*Saindo a gritar.*) Ó Tomásia! Ó Tomásia!... (*Sai.*)

CENA X

O Doutor, Passos Pereira. Leonor, Francelina.

O DOUTOR (*À parte.*) - Estou metido em boa.

PASSOS PEREIRA (*Ao Doutor, enquanto Francelina e Leonor sentam-se à direita.*) - Minha mulher não me deixou sair da corte sozinho. O senhor compreende... o ciúme... Foi preciso que a menina viesse. Quando cheguei à vila e me disseram que o senhor estava nesta fazenda, estimei... Fazia-me conta chegar até aqui, e era perto... Diga-me uma coisa: este Tenente-Coronel fala francês? (*O Doutor está visivelmente perturbado.*) Deve estranhar esta pergunta... Mas o que quer? Um pai! O senhor compreende... Logo falaremos... temos tempo! (*Vai ter com Leonor e a filha, e conversa com elas.*)

O DOUTOR (*À parte.*) - Estou bem arranjadinho... O homem sabe de tudo... É capaz de meter-me o petrópolis, e razão tem ele! Ora esta! (*Passeia agitado.*) E Francelina conversando com Leonor! Jesus! Continuo a suar frio! (*Continua a passear; tenta aproximar-se do grupo dos três, mas não se atreve.*)

PASSOS PEREIRA (*Aproximando-se dele.*) - Diga-me cá: há hotel na vila? Eu tencionava ir para sua casa, mas com a menina... já agora... o senhor compreende... não é possível!

CENA XI

O Doutor, Leonor, Passos Pereira, Francelina, o Tenente-Coronel, um pajem.

O TENENTE-CORONEL (*Entrando*) - Hotel!... Quem é que fala aqui em hotel?... O senhor fica em nossa casa com a senhora sua filha! Os amigos do Doutor Pinheirinho meus amigos são! Temos acomodações para Todos. (*Ao pajem que fica ao fundo.*) Ó rapaz! leva os animais para a vila e traze as malas de teu senhor.

PASSOS PEREIRA - É uma malinha só... ficou em casa do Doutor Pinheiro. (*O pajem sai.*) Não sei como agradecer-lhe, Senhor Tenente-Coronel... O senhor é um homem que compreende as necessidades da gente!

O TENENTE-CORONEL - Hão de passar mal estes dias, mas não morrerão à fome.

PASSOS PEREIRA (*Baixo ao Doutor.*) - Então, o Tenente-Coronel é seu amigo, hein? Muito bem... muito bem!

O DOUTOR (*À parte.*) - O homem está danado!

PASSOS PEREIRA (*Ao Tenente-Coronel.*) - O senhor não contava com esta maçada, hein?

O TENENTE-CORONEL - Maçada nenhuma! Comida sobra sempre; os quartos dos hóspedes estão preparados; maçada de quê?

FRANCELINA (*Continuando uma conversa com Leonor.*) - Logo que voltar, hei de mandar-lhe o figurino.

PASSOS PEREIRA (*À filha.*) - Menina, sabes que vamos ficar aqui em casa do Senhor Tenente-Coronel?

LEONOR - Aqui? Muito bem...

CENA XII

O Doutor, Leonor, Passos Pereira, Francelina, o Tenente-Coronel, Dona Maria, depois o negro.

(Dona Maria entra gravemente, cumprimentando os recém-chegados com grandes medidas. O Tenente-Coronel apresenta-a.)

O TENENTE-CORONEL - A senhora Dona Maria de Vasconcelos, visita de nossa casa. *(Cumprimentos. Dona Maria troca um olhar de inteligência com o Doutor Pinheiro, fazendo uma grande medida a Passos Pereira.)*

PASSOS PEREIRA - Minha senhora.

O TENENTE-CORONEL *(Levando Francelina pela mão.)* - A filha do Senhor Passos Pereira, a Senhora Dona...

FRANCELINA - Uma sua criada. *(Dona Maria beija-a e troca outro olhar significativo com o Doutor Pinheiro.)*

O TENENTE-CORONEL - Ora muito bem! Mas por que não se sentam? *(Puxa cadeiras. Tomam lugares. Longa pausa.)*

DONA MARIA *(Desabridamente, a Passos Pereira.)* - O senhor conhece por lá minha irmã das Laranjeiras?

PASSOS PEREIRA - Não, minha senhora; a nossa casa é na Rua Larga de São Joaquim.

DONA MARIA - Ela é muito conhecida lá na corte.

PASSOS PEREIRA - A Rua Larga?

DONA MARIA - Minha irmã.

PASSOS PEREIRA - Não tenho a honra de conhecê-la... *(À parte.)* O Pinheiro evita o meu olhar... Estará zangado comigo?

O DOUTOR *(À parte.)* - Francelina está desesperada! Se os seus olhos se encontram com os meus, desvia logo o rosto.

FRANCELINA *(À parte.)* O Pinheiro já sabe de tudo... Nem me encara...

LEONOR *(Julgando que Francelina fala com ela.)* - Senhora?

FRANCELINA - Nada.

O TENENTE-CORONEL - Então? Digam alguma coisa! Estão Todos tão calados!
(*Os personagens formam, sentados, um grupo, ao capricho do ensaiador.*)

SEXTETO

O TENENTE-CORONEL (*A Passos Pereira.*)

- O que há de novo na cidade?

O ministérios cai ou não?

PASSOS PEREIRA - Se quer que lhe fale a verdade,
nem os ministros sei quem são.

Sou empregado público,

sou empregado velho;

Porém nunca em política

Meti o bedelho.

DONA MARIA - O Tenente-Coronel

É o contrário, Senhor!

FRANCELINA (*À parte.*) - Já não me encara o Doutor...

O DOUTOR (*À parte.*) - Estou fazendo um papel...

O TENENTE-CORONEL - Sou destemido!

Sou decidido!

Sou do Partido

Conservador!

TODOS -É destemido!

É decidido!

É do Partido

Conservador!

O TENENTE-CORONEL - Eu sou danado,

Desabusado

Sou respeitado

Nas eleições!

É por tamanho

Ser o arreganho

Que sempre apanho

Meus pescoções!

PASSOS PEREIRA - Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

LEONOR (*À Parte.*) - Estranho

O Doutor:

Tamanho

Palor

Não é natural.

PASSOS PEREIRA -Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

O DOUTOR (*À parte.*) - O Passos ri-se: é bom sinal.

PASSOS PEREIRA -Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

(Ergue-se, rindo tanto, que Os outros erguem-se também e vão se aproximando num crescendo de gargalhadas.)

TODOS - Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

PASSOS PEREIRA - Ai, sempre ganha

Seus pescoções,

Quando se apanha

Nas eleições!

Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

LEONOR (*Timidamente.*) - Doutor, zangado está comigo?

O DOUTOR - Por que me faz pergunta tal?

LEONOR - Por que me foges, ó meu amigo?

PASSOS PEREIRA - Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

O DOUTOR (*À parte.*) - O Passos ri-se: é bom sinal...

CONCERTO

FRANCELINA (*À parte.*) PASSOS PEREIRA (*À parte.*)

Dar-se-á caso que o Doutor, Quero apanhar o Doutor

Por despeito, por despeito, Muito a jeito, muito a jeito;

Finja ter sincero amor Pai que muito bom pai for

À matuta da Leonor? Deve ser indagador.

LEONOR (*À parte*) o TENENTE-CORONEL (*À parte*.)
Não me procura o Doutor! Que silêncio em derredor!
Já suspeito, já suspeito, Não tem jeito, não tem jeito!
Que me perdeu todo o amor Tão calado está, doutor!
Que me tinha com fervor Diga lá, seja o que for!

DONA MARIA (*À parte*.) O DOUTOR (*À parte*.)
Que diabruras faz amor! Já estou banhado em suor!
Mas, com jeito... mas, com jeito Mas, com jeito... mas, com jeito...
Deve-se sair-se o Doutor Hei de, seja como for,
Disto; seja como for. Sair disto pra melhor.

O NEGRO (*Entrando depois do forte com que termina o concerto.*) Canjica tá na mesa. (*Sai o negro. A orquestra conserva alguns compassos de música até, o canto seguinte.*)

O TENENTE-CORONEL - Vamos à canjica!

O DOUTOR (*Oferecendo o braço a Leonor.*) - O seu braço? (*Vivamente a Francelina, que olha para ele.*) O seu braço? (*Dá o braço a ambas.*)

O TENENTE-CORONEL - Eu rompo a marcha! (*Vai saindo, na frente do Doutor, Leonor e Francelina.*)

PASSOS PEREIRA (*A Dona Maria.*) - O seu braço, minha senhora?

DONA MARIA (*Dando-lhe o braço.*) - Agradecida. (*À parte.*) - Este Passos será viúvo?

PASSOS PEREIRA - Vamos!

DONA MARIA - Que pena o senhor não conhecer minha irmã das Laranjeiras! (*A Cena fica vazia por alguns momentos. O fundo escurece completamente.*)

CENA XIII

Frederico, depois Raimundo.

FREDERICO (*Entrando pelo fundo. Vestuário de montar.*)

RIECITATIVO

Eis-me, afinal, em casa de meu pai!
Em júbilo nadar tudo aqui vai!

COPLAS

I
Não quis esperar as férias,
Mais tempo esperar não quis;
Promessas não são pilhérias,
E então daquelas que eu fiz!
O prometido
Diz que é devido;
Rifão sagaz;
Quero com jeito,
Mas com respeito,
Voltar atrás...

II
Promessa de casamento
Eu fiz à linda Leonor!
Maldito seja o momento
Em que jurei ter-lhe amor!
Pois tal promessa
Muito depressa
Roubou-me a paz;
Quero com jeito,
Mas com respeito,
Voltar atrás!

Mas onde ficou Raimundo? (*Indo ao fundo.*) Raimundo!... Raimundo!... por aqui!

(*Entra Raimundo. È gago, míope, pernetá, muito feio e veste exageradamente à última moda.*)

RAIMUNDO - Cá... cá... estou... Já me arrependi de ter vindo pas... passar uns dias em ca... casa de... de teu pai. Este lugar é... muito feio! É im... impossível que aqui se pos... possa arranjar um bom ca... ca... casamento!

FREDERICO - Ah! maganão! Você anda à procura de um bom casamento, hein?

RAIMUNDO - Não com... compreendo que se venha à... à.. roça para outra coi... coisa!

FREDERICO - Não perca as esperanças!

RAIMUNDO - Mas onde está teu... teu pai? Que... fi... filho é este que em vez de... de... procurar a fa... fa... família, põe-se a ta... a taga... a tagarelar na sala?

FREDERICO - Estou com um receio enorme de apresentar-me. Vê que não me animei a vir sozinho!

RAIMUNDO - Ora... ora essa! Por quê?

FREDERICO - Por quê? Vem cá... (*Sentam-se.*) Trata-se mesmo de casamento. Ouve e dá-me um conselho...

RAIMUNDO (*Admirado.*) - Um con... conselho!... (*Erguendo-se e apertando-lhe a mão com efusão.*) Obri... Obridado! mui... muito o... obrigado!

FREDERICO (*Admirado.*) Por quê?

RAIMUNDO (*Modestamente.*) - É a primeira vez que... que me pedem um con... conselho... (*Senta-se.*) Vam... vamos lá!

FREDERICO - Antes de sair de cá, prometi, sob palavra de honra, casamento a Leonor.

RAIMUNDO - Quem... quem é?

FREDERICO - A afilhada de meu pai.

RAIMUNDO - Ah!

FREDERICO - Estimava-a muito; no entanto...

RAIMUNDO - No entanto, viste a fi... a filha do Pas... Pas... Passos Pe... Pe... Pereira e...

FREDERICO - E fiz-lhe a mesma promessa.

RAIMUNDO - Também sob pa... pa... pa...

FREDERICO - Sim! Também sob pa... palavra de honra! - O que me aconselhas tu?...

RAIMUNDO - Eu te... te digo. (*Reflete.*) Qual de... delas é mais... mais?... (*Faz sinal de dinheiro.*) Ca... casa-te com a mais ri., rica!

FREDERICO (*Erguendo-se.*) - Ora! Também a que porta fui bater!

RAIMUNDO - E se ambas o... o forem... le... leva-as pa... pa... para a Turquia e ca.. ca.. casa-te com ambas! (*Ergue-se.*)

FREDERICO - Meu Deus! como hei de aparecer a Leonor? Como hei de voltar atrás?

O TENENTE-CORONEL (*Fora.*) - O que estás dizendo, negro, Frederico está aí?

FREDERICO - Ah! aí vem... Jesus! Está gente de fora!

CENA XIV

Frederico, Raimundo, o Tenente-Coronel, depois Passos Pereira, Dona Maria, depois o Doutor, Francelina, Leonor, depois os escravos.

O TENENTE-CORONEL (*Entrando.*) - Meu filho! (*Dá-lhe a benção. Abraçam-se.*) Que agradável surpresa! (*Correndo ao fundo.*) José! Matias! Simplício! Já um jongo aqui na varanda, que sinhô moço chegou!

PASSOS PEREIRA (*Entrando com Dona Maria.*) - Senhor Frederico...

FREDERICO (*Pasmo.*) - Ah! (*Vendo entrar Francelina.*) Oh!

LEONOR, FRANCELINA, (*À parte.*) - Ele! (*Deixam vivamente o braço do Doutor.*)

FREDERICO (*À parte.*) - Nem Leonor, nem Francelina olham para mim! Já sabem de tudo!

LEONOR, FRANCELINA (*À parte.*) - Ele nada ignora!

O TENENTE-CORONEL (*Voltando e dando com Raimundo.*) - Oh! (*Ao filho.*) É também estudante?

RAIMUNDO - Sim... sim senhor...

DONA MARIA (*À parte.*) - Em que ano está?

RAIMUNDO - No pri... no primeiro!

O TENENTE-CORONEL, DONA MARIA, PASSOS PEREIRA - Oh!

RAIMUNDO - Há mui... muito tempo. Pa... para bem dizer, es... estou no... no quinto.

O TENENTE-CORONEL - Meu filho, apresento-te.... Ah! aí vêm os negros! Ficam as apresentações para depois! Comece o jongo!

FINAL

TODOS - O jongo! O jongo!

O TENENTE-CORONEL (*A Frederico.*) - Senta-te ali.

(*A Passos Pereira.*) O senhor aqui

(*A Francelina.*) Fique aqui com Leonor

(*A Dona Maria.*) A senhora aqui

Ao pé de mi.

(*Grupo. estão Todos sentados nos lugares indicados pelo Tenente-Coronel.*)

Leonor, o Doutor, Francelina, FREDERICO (*À parte.*)

- Que amargo instante!

Que situação!

Olhar para ele/ela

Não ousa não!

(*Entrada ruidosa do Coro de escravos e escravas que, depois de mesuras aos primeiros compassos do jongo, entoam-no dançando durante o canto.*)

JONGO

Trabaia, negro, trabaia

Na roça do teu sinhô

(*Com um movimento de braços e ombros.*)

Um... um... um...

Passarinho já não canta;

O só não tarda a se pô!

Um... um... um... um...

Dá-lhe de enxada,

*Panha café;
De teu trabaio
Não reda pé!
Trabaiadô
Trabaia, negro
Pro teu sinhô!*

(No fim do canto.) Viva sinhô moço!

TODOS *(Erguem-se e respondem.)* - Viva!

ATO SEGUNDO

Sala e visitas na fazenda do Tenente-Coronel. Piano. Mobília modesta, mas decente. Iluminação. Sarau.

CENA I

Frederico, Dona Maria, Raimundo, Francelina, o Tenente-Coronel, Leonor, o Doutor, Passos Pereira, o Mestre-Escola, o Vigário, convidados de ambos os sexos, depois um negro.

(Ao levantar o pano, quatro músicos estão sentados a um lado, tocando. Entre eles o Mestre-Escola e o Vigário: este toca violão, aquele rabeca. Dança-se uma quinta contradança ruidosa. Frederico dança com Dona Maria, que se requebra comicamente. São vis-a-vis de Raimundo, que dança com Francelina. O Tenente-Coronel dança com a afilhada: é vis-a-vis do Doutor, que dança com uma moça qualquer. Passos Pereira dança também com uma figurante. Raimundo é mestre-sala e grita as marcas da contradança, gaguejando sempre.)

CORO *(Durante a contradança.)* - Nós hoje às mil maravilhas
Vamos decerto passar!
Valsas, polcas e quadrilhas
Vamos dançar!
Brincar
Folgar

(Num momento dado, Raimundo bate palmas: finda a contradança. Uns cavalheiros oferecem cadeiras a seus pares. Outros saem de braço dado. Alguns pares passeiam.)

RAIMUNDO (*A Frederico.*) - Parabéns, Frederico... é um.... um baile di... digno de ti. (*Senta o seu par e vai conversar com o Mestre-Escola.*)

FREDERICO (*Passeando com Dona Maria.*) - É singular! Nem Leonor nem Francelina me encaram!

O DOUTOR (*Sentando o seu par.*) - É célebre! Nem Francelina nem Leonor olham para mim!

LEONOR (*Sentando-se junta de Francelina.*) - O Doutor não veio sentar-se ao pé de mim!

FRANCELINA (*À parte.*) - Frederico não se chegou ainda para o meu lado!

OS QUATRO (*À parte.*) - Já sabe de tudo!

DONA MARIA (*A seu par.*) - Vamos dar um giro lá fora, Senhor Frederico?

FREDERICO - Pois não, minha senhora!

DONA MARIA - Ai, Senhor Frederico!

FREDERICO - Por quem suspira, minha senhora?

DONA MARIA - Não sei, Senhor Frederico, não sei...

FREDERICO - Julguei que fosse por sua irmã das Laranjeiras. (*Saem.*)

RAIMUNDO (*Continuando uma conversa com o Mestre-Escola.*) - É por quantos a... alunos é frequente... da a sua es... esco... escola?

O MESTRE-ESCOLA - Eu tenho uns vinte *aluno...* estão Todos *adiantado...* No ano passado, cinco *fez exame...* Os *pai* estão *satisfeito.*

RAIMUNDO (*À parte.*) - Os... os ss é que.... não devem es... estar.

O MESTRE-ESCOLA - Eu ensino gramática, doutrina cristão e música. Eu há de *ensiná* francês, mas porém, *premeiro é perciso aprendê.*(*Continuam a conversar baixo.*)

O VIGÁRIO (*Continuando uma conversa com o Tenente-Coronel, de quem se tem aproximado.*) - Está enganado, Tenente-Coronel! Está muito enganado. O João Cobó vota com o Raposo!

O TENENTE-CORONEL - Não vota, seu Vigário, não vota! Quer Vossa Reverendíssima dizer-me a mim o que é o João Cobó!

O VIGÁRIO - É um troca-tintas! Ainda me deve dez mil réis de uma encomendação... Desde que lhe morreu a sogra... E encomendações de sogra devem pagar-se dobrado. *(Continuam a conversar.)*

FRANCELINA *(Continuando uma conversa com Leonor, ao pé da qual está sentada.)* - É verdade... Imagine a senhora ter uma moça prometido casamento a dois rapazes e ver-se em presença de ambos!

LEONOR *(À parte.)* - É uma indireta, não há dúvida... *(Alto.)* mas... *(Continuaram a conversar baixinho.)*

O TENENTE-CORONEL *(Deixando o Vigário e indo ter com o Doutor.)* - Então o que é isso, Doutor? Parece-me amuado!

O DOUTOR - Eu?! Pelo contrário, Senhor Tenente-Coronel... Eu... Ora que lembrança!

O TENENTE-CORONEL *(Levando-o pela mão.)* - Venha cá, homem de Deus, o seu lugar é aqui! *(Leva-o para junto de Leonor e fá-lo sentar-se ao lado dela. Depois vem à boca e canta a seguinte copla.)*

COPLA

De um pai que o saiba ser, olé!
É grande a trabalhadeira!
Faz má figura e serve até
De pau-de-cabeleira!

(Vai conversar outra vez com o Vigário, que se tem ocupado em afinar o violão.)

PASSOS PEREIRA *(Indo ao encontro de Frederico, que volta com Dona Maria.)* - O senhor anda arredio! Vá conversar um pouco com a pequena, ande! *(Toma-o pelo braço, deixando Dona Maria no meio da sala e fá-lo sentar-se junto de Francelina. Depois desce à boca da Cena e canta a meia voz a mesma copla cantada pelo Tenente-Coronel.)*

COPLA

De um pai que o saiba ser, olé!

É grande a trabalhadeira!
Faz má figura e serve até
De pau-de-cabeleira!

(Ao voltar-se, encontra Dona Maria, que lhe toma o braço.)

DONA MARIA - O seu braço? Vamos dar mais uma volta?

PASSOS PEREIRA - Pois não, minha senhora: é a vigésima que damos hoje.

DONA MARIA *(Saindo com Passos Pereira, à parte.)* - Este homem será viúvo?
(Saem. Entra o negro com a bandeja de café.)

RAIMUNDO *(Indo ao encontro do negro e distribuindo xícaras de café pelos circunstantes.)* - Já tar.. tardava! Já hoje to... tomei doze xícaras de ca... café.
(Tomando.) Não se vai a par... parte alguma em que... que não se... se tome café! Fui ontem fa... fazer a barba na vila... e o bar... barbeiro mandou-me um xí... xícara de ca... café pelo a... aprendiz!

O TENENTE-CORONEL *(Sorvendo o seu no pires.)* - O que vale é que este é superior, hein?

RAIMUNDO *(Apreciando.)* - Um... Torra... torradinho de fresco e... e... com manteiga... *(Acabam Todos de tomar café. O negro reúne as xícaras na bandeja e sai. Raimundo acende um cigarro. Os namorados estão sentados ao lado uns dOs outros na seguinte ordem: Frederico, Leonor, Francelina, o Doutor: mas sem se falarem e olhando Todos Os Quatro para o chão.)*

O TENENTE-CORONEL *(Que tem deixado o Vigário.)* - O Doutor não dá a palavra a Leonor! O que será aquilo. Preciso de uma explicação. *(A Raimundo.)* Venha um cigarrinho dos seus.

RAIMUNDO *(Dando-lhe o cigarro e depois o fogo.)* - Pro... proponho um jo... jogo de... pren... prendas na... va... varanda! va... valeu?!

TODOS *(Menos os namorados.)* - Valeu! Vamos! *(O Tenente-Coronel dá o cigarro de Raimundo a Passos Pereira, que fuma maquinalmente. Saem Todos, Raimundo em frente, menos o Mestre-Escola, o Vigário e os namorados.)*

O MESTRE-ESCOLA *(Indo ter com o Vigário.)* - Diga-me uma coisa, seu Vigário? Vossa Reverendíssima pode me dizê duas missa depois de *amenhã*? *(Bate-lhe no ombro.)*

O VIGÁRIO (*Que tem estado a cochilar, abraçado ao violão, despertando e com ímpeto.*) - Não vota, já lhes disse! João Cobó não vota, Tenente-Coronel! (*Ergue-se*)

O MESTRE-ESCOLA - Não é disso que nós *tratemo*. Quero duas *missa*!

O VIGÁRIO (*Sem reparar com quem fala e saindo zangado.*) - Não vota! É boa! Desde 68 que está com os liberais! Não faltava mais nada! (*Sai*)

O MESTRE-ESCOLA (*Acompanhando-o*) - Não é disso que nós *tratemo*... Ó seu Vigário! seu Vigário! (*Sai.*)

CENA II

O Doutor, Frederico, Leonor.

(Cena muda. Levam muito tempo sentados, olhando para o chão. De repente, Leonor, vendo que Todos se têm retirado, levanta-se muito envergonhada e sai vivamente. Francelina imita-a. Ficam sós o Doutor e Frederico que, depois de se olharem por algum tempo, desatam numa gargalhada, retomando logo o seu sério, e como que censurando assim a gargalhada um do outro.)

CENA III

O Doutor, Frederico.

AMBOS (*A um tempo.*) - De que se ri? - Como? - Tivemos a mesma idéia. - Assim falarem os dois a um tempo não podemos compreender!

FREDERICO - De que se ri o Doutor?

O DOUTOR - Eu rio-me de mim próprio. E o senhor?

FREDERICO - Eu rio-me de mim mesmo.

O DOUTOR - Oh! mas o senhor não está na minha situação!

FREDERICO - Não sei; mas acredite que a minha situação é perfeitamente cômica.

O DOUTOR - Qual é a sua situação?

FREDERICO - Diga primeiramente qual é a sua.

O DOUTOR - Quero ceder-lhe a primazia.

FREDERICO - E eu.

O DOUTOR - Nesse caso, ouça... (*Entra o Tenente-Coronel.*)

CENA IV

O Tenente-Coronel, Frederico, o Doutor, depois Dona Maria.

O TENENTE-CORONEL - Oh! meu rico senhor Doutor Pinheirinho! Ainda bem que o encontro. (*O Doutor e Frederico erguem-se.*) Meu filho, deixa-nos a sós por alguns momentos.

O DOUTOR (*À parte.*) Ai, ai, ai!

FREDERICO (*Saindo, à parte.*) - Como hei de me sair desta alhada? (*Vai saindo e encontra Dona Maria, que vem entrando.*)

DONA MARIA - Senhor Frederico, andava à procura do seu braço!

FREDERICO - Aqui o tem, minha senhora! (*Saem ambos de braço dado.*)

CENA V

O Doutor, o Tenente-Coronel, depois Passos Pereira, depois Dona Maria.

O TENENTE-CORONEL (*Depois de alguma pausa, gravemente.*) - Senhor Doutor Pinheirinho... ou por outro: Senhor Doutor Pinheiro... (*Pausa.*) Sentemo-nos. (*Sentam-se.*) O meu compadre Chico... ou por outra: Francis... eu creio que já lhe disse isto mesmo. (*Pausa.*) Enfim, Senhor Doutor... Homem. Vossa senhoria é um homem formado, e eu nem no Congresso Agrícola falei... Dê o desconto... (*Em outro tom, escolhendo as palavras.*) Sou pai, isto é, pai adotivo... É a mesma coisa! É mais! Um pai adotivo é pai e mãe. O Padre Antônio Vieira, no sermão de Nossa Senhora do Carmo, diz que os filhos naturais se amam porque são filhos, e os filhos adotivos são filhos porque se ama...

PASSOS PEREIRA (*Entrando.*) - Ó Senhor Doutor Pinheiro! Senhor Dout.. (*Estacando.*) Era segredo?

O TENENTE-CORONEL (*Levantando-se.*) - Não... não... falávamos..

O DOUTOR (*Vivamente, erguendo-se.*) - Do Padre Antônio Vieira.

O TENENTE-CORONEL (*À parte.*) - Fica para outra vez.

PASSOS PEREIRA (*Ao Doutor.*) - Desejava falar-lhe em particular.

O DOUTOR (*À parte.*) - Bom! Agora o outro!

O TENENTE-CORONEL - Deixo-os. (*Ao Doutor.*) Logo falaremos. (*Vai saindo e encontra-se com Dona Maria, que vem entrando.*)

DONA MARIA - Senhor Tenente-Coronel, andava à procura de seu braço!

O TENENTE-CORONEL - Aí o tem, Senhora Dona Maria!

DONA MARIA (*Saindo de braço dado ao Tenente-Coronel, à parte.*) - Por que não se quer casar este homem, meu Deus? (*Saem*)

CENA VI

O Doutor, Passos Pereira, depois Raimundo, depois Dona Maria.

PASSOS PEREIRA - Senhor Doutor Pinheiro, o assunto é grave... Aqui tem uma cadeira. Sentemo-nos. (*Sentam-se.*)

O DOUTOR (*À parte.*) - Eu devo estar com uma cara...

PASSOS PEREIRA (*Depois de uma grande meditação, rompendo desabridamente o que assusta o Doutor.*) - O casamento, Senhor Doutor, é uma condição, por bem dizer, fatal da existência humana. Abalizados sociologistas... ou sociólogos, como queira... têm dado sobre a matéria a última palavra... Um pai educa uma filha, com Todos os esmeros sugeridos pelo seu bom espírito e seu bom coração... Dói-lhe a alma de vê-la depois entregue a carinhos de outra espécie; mas, ah! - infelizmente têm que se submeter ao regime comum da sociedade... Mas essa submissão, Senhor Doutor, não pode, não deve ser inteiramente passiva... Tenho para mim que um pai, digno desse nome sublime, é obrigado a desenvolver tal ou qual atividade, no intuito de atenuar os maus caprichos que por ventura estejam reservados pelo destino a seus filhos. Concorda?

O DOUTOR - Inteiramente.

PASSOS PEREIRA (*À parte.*) - Veio decorado de casa. (*Alto.*) O senhor, quando for pai... (*Com certa autoridade,*) o que há de ser!

O DOUTOR (*À parte.*) - Meu Deus!

PASSOS PEREIRA - O senhor, quando for pai, concordará melhor. - Pois bem, Senhor Doutor, eu não espero por informações: venho ao encontro delas! Por isso, aqui estou!

RAIMUNDO (*Entrando e tomando o braço de Passos Pereira.*) - Ó Se... Senhor Passos Pe... Pe... Pereira! as mo... moças mandaram cha... chama-lo à va... varanda pa... para o jogo de pren... prendas.

PASSOS PEREIRA (*Erguendo-se contrariado.*) - Que jogo?

RAIMUNDO - *O se.. senhor ab... abade*

O DOUTOR (*Erguendo-se com interesse.*) - Ah! Um chamado de senhoras! Não pode recusar! A conferência fica para depois.

PASSOS PEREIRA - Tem razão, tem razão. Logo mais falaremos! Vou já! (*Encontra-se com Dona Maria, que vem entrando.*)

DONA MARIA - Senhor Passos Pereira, andava à procura de seu braço!

PASSOS PEREIRA - Está ao seu dispor, minha senhora.

DONA MARIA (*Saindo de braço, com Passos Pereira, à parte.*) - Ai! ai! Este homem será viúvo?

CENA VII

O Doutor, Raimundo.

RAIMUNDO - Tenho me re... rega... galado... de rir à custa do... do Fre... Frederico.

O DOUTOR - Por quê?

RAIMUNDO - Também quem... quem lhe... mandou prometer ca... casamento a duas?

O DOUTOR (*À parte.*) - Este também já sabe!

RAIMUNDO - A le... levianda... de po... pode... perder um homem.

COPLAS

I

A gente faz o que deve,
Se um beijo de amor furta,
Se um dedo apertar de leve,
Ou se um pezinho pisar.
A gente a mais se atreve,
Quando é grande ladino;
Mas o casório...
Ce... cebolório!
Fia mais fino!

II

Se meigos olhares bispo
Em ternos olhos assim...
Os meus escrúpulos dispo,
Cuidando logo de mim.
Eu nada mando ao bispo,
Pois sou grande ladino...
Mas o casório...
Ce... cebolório
Fia mais fino!

O DOUTOR - Já Todos sabem aqui do meu ignóbil procedimento! Estou bem arranjado!

RAIMUNDO - Eu an... ando à pro... procura de... de... de um ca... casamento;
mas creia que... que... pro... promes... sas não fa... faço sem ter cer... certeza de
po... podê-las cumprir.

O DOUTOR - Mas quem lhe disse que prometi casamento a duas?

RAIMUNDO - O Dou... o.... Doutor? O Fre... Fre...derico.

O DOUTOR - Foi o Frederico? Quem lhe diria a ele?

RAIMUNDO - A ele... o... o quê?

O DOUTOR - Quem lhe diria isso?

RAIMUNDO - Is... Is... isso o quê? Tenha... pa... paciência! não sei se... se... se já no... notou.... que.... que... que sou um... pou... pouco ga... ga.... gago!

O DOUTOR - Ora! não se pode conversar com o senhor!

RAIMUNDO - O se... senhor é que... que... atra... atrapa... pa... palha tudo!

CENA VIII

O Doutor, Raimundo, o Tenente-Coronel, depois Dona Maria.

O TENENTE-CORONEL (*Ao Doutor.*) - Podemos continuar a nossa conferência?

O DOUTOR - Pois não... pois não...

O TENENTE-CORONEL - Dá licença? Vá jogas as prendas... Quero dar duas palavrinhas ao Doutor.

RAIMUNDO - Ora... essa! (*Vai saindo; encontra Dona Maria.*)

DONA MARIA - Andava à procura de seu braço.

RAIMUNDO - Oh!... oh!... mi... minha se... senhora!

DONA MARIA (*Saindo de braço dado a Raimundo, à parte.*) - Este, afinal de contas, à falta de outro... (*Saem*)

CENA IX

O Doutor, o Tenente-Coronel, depois o Vigário, depois Dona Maria.

O TENENTE-CORONEL - Senhor Doutor Pinheirinho... ou por outra: Senhor Doutor Pinheiro... sentemo-nos. (*Sentam-se.*) Vossa Senhoria pediu-me hoje em casamento a mão de minha afilhada e pupila Dona Leonor dos Santos Barbosa; eu, reconhecendo em Vossa Senhoria todas as qualidades desejáveis para um marido, anuí jubiloso ao pedido e...

O VIGÁRIO (*Entrando, insuflado.*) - Ó Tenente-Coronel, diga-me uma coisa: O Florentino não foi progressista em 64?

O TENENTE-CORONEL (*Erguendo-se com interesse.*) - Pois não! Pois não! progressista dos Quatro costados logo que apareceu em Mambucaba! gabava-se até da amizade particular do Zacarias... E quando vocês caíram em 68, passou para o nosso lado com armas e bagagens.

O VIGÁRIO - Então?(*Gritando para dentro.*) Está ouvindo, comendador? Progressista em 64! Que homem teimoso! Quer-me dizer a mim quem é o Florentino!

O TENENTE-CORONEL - Pois não! Foi progressista e bem progressista!

O VIGÁRIO - Então? Eu quando digo... Obrigado, Tenente-Coronel. (*Vai saindo, encontra Dona Maria que vem entrando.*)

DONA MARIA - Andava à procura do braço de Vossa Reverendíssima.

O VIGÁRIO - Pois não minha senhora. (*Dá-lhe o braço.*)

DONA MARIA (*Saindo com o Vigário.*) - Este não pode casar... É pena!... Toca tão bem violão.

CENA X

O Doutor, o Tenente-Coronel, depois o Mestre-Escola, depois Dona Maria.

O TENENTE-CORONEL - O Florentino é um vira-casaca! Quando cairmos, há de ver que passa para os liberais. A sua única virtude é ser danado nas eleições, mas também não me fio muito nisso, porque a arrogância nos robustos é maior que a valentia, como diz o Padre Vieira. (*Outro tom.*) Senhor Doutor Pinheiro. (*Sentando-se.*) Onde estávamos? Ah! (*Outro tom.*) Eu reconhecendo em Vossa Senhoria todas as qualidades desejáveis em um marido, anuí ao pedido, depois de consultar minha pupila e afilhada. Ora, vendo que Vossa Senhoria, no mesmo dia em que foi tratado o seu casamento com ela, como que a evita e nem sequer a olha...

O MESTRE-ESCOLA (*Entrando a correr e agarrando o Doutor.*) - Seu Doutô! Seu Doutô!

O TENENTE-CORONEL (*Erguendo-se.*) - O que é isto?...

O MESTRE-ESCOLA - Como eu tinha *pagado* prenda no jogo do *senhô abade* me saiu e sentença *vi buscá seu Doutô* Pinheirinho e *levá ele* pra varanda.

O DOUTOR (*À parte.*) - Felizmente. (*Ao Tenente-Coronel.*) Já vê que não há remédio...

O TENENTE-CORONEL - Fica para outra vez!

O MESTRE-ESCOLA - *Vamo*, que eles lá dentro já *está cansado de esperá*.

O DOUTOR - Vamos! Vá adiante... Não é preciso agarrar-me! (*Sai o Mestre-Escola, dando um encontrão em Dona Maria. A Dona Maria:*) Já sei, minha senhora: anda à procura de meu braço. Aqui o tem! (*Dá-lhe o braço e sai com ela.*)

CENA XI

O Tenente-Coronel.

O TENENTE-CORONEL - E nada de explicações! Quando vamos chegando a fala, somos interrompidos! No entanto, preciso... quero saber que explicação tem tudo isto! ah! uma pupila!

COPLAS

I
Resgata os nossos muitos pecados
Uma pupila do nosso amor;
Se um pai zeloso tem mil cuidados,
Os tem maiores um bom tutor.
Constantemente metido em danças,
Este, coitado, tem que se achar;
Ditos, motejos, desconfianças
Tem costas largas para aguentar.

II
Não tem vontades, não tem direitos,
Um desgraçado, pobre tutor;
Os seus afetos estão sujeitos
Ao juiz d'órfãos e ao curador.
E, todavia, queira ou não queira
Pai como aqueles que mais o são;
'Stou convencido que o Padre Vieira
Tinha, oh! se tinha! muita razão.

(Entram todas as senhoras, menos Francelina e Leonor, perseguidas pelos homens, que trazem à sua frente Raimundo. A música das coplas prende-se à do Coro.)

CENA XII

O Tenente-Coronel, o Doutor, Frederico, Passos Pereira, Raimundo, o Vigário, o Mestre-Escola, Dona Maria, convidados de ambos os sexos.

HOMENS (Empurrando Raimundo e perseguindo as senhoras.)

Há de beijá-las!

Há de abraçá-las!

Peça licença:

Cumpra a sentença!

As Senhoras (*Fugindo.*) Não me beijará!

O quê! O quê!

Não vê! Não vê!

Os Homens - Há de abraças!

As Senhoras - Não me abraçará!

Oo Homens - Há de beijar!

As Senhoras - Não há de beijar!

O TENENTE-CORONEL - Que bulha, ó Cristo!

Pra que gritar?

Expliquem-me isto,

Sem mais tardar!

RAIMUNDO - Vou lhe explicar...

O TENENTE-CORONEL - Tenha a bondade.

RAIMUNDO - No jogo do "senhor abade"

Mui... mui... mui... muitas prendas pago,

Porque sou gago;

Tive esta sentença,

Que procuro cumprir sem detença...

PASSOS PEREIRA - Abraçar

E beijar

As moças uma por uma,

Seja por bem ou por mal.

RAIMUNDO - Em cumprir sentença tal,

Não sinto re...
Não sinto re...
Não sinto repugnância alguma.
Olé!
CORO - Não sente re...
Não sente re...
Não sente repugnância alguma
Olé!

DONA MARIA - Os beijos abraços
Por todas terei!
Eu abro-lhe os braços:
Zangar-me não sei!
Os Homens - Não serve! Não serve!
Há de abraçá-las!
Peça licença:
Cumpra a sentença!
As Senhoras - Não me abraçarás!, etc.

(Saem os homens perseguindo as senhoras. O Doutor, ao sair, é agarrado pelo fato pelo Tenente-Coronel.)

CENA XIII

O Tenente-Coronel, o Doutor, depois Leonor, Todos os personagens do ato, e alguns negros.

O TENENTE-CORONEL - Nada, senhor Doutor! Desta vez havemos de chegar à fala!

O DOUTOR (*À parte, resolutamente.*) - Acabemos com isto. (*Alto.*) Pois bem! sentemo-nos! (*Sentam-se.*) Quero ser franco com o Tenente-Coronel.

LEONOR (*Vindo do fundo à parte.*) - Uma conferência? O que será?...

O DOUTOR - Senhor Tenente-Coronel, eu prometi casamento à filha do Passos Pereira...

LEONOR - Ah! (*Cai numa cadeira com um ataque de nervos.*)

O TENENTE-CORONEL (*Erguendo-se sobressaltado, bem como o Doutor.*) - Meu Deus!... O que é isto! Minha filha! acudam!

(Entrada ruidosa de Todos os personagens.)

FINAL

CORO GERAL

- Oh! céus! Oh! céus!
Que sucedeu!?
Valha-nos Deus!...
Que aconteceu?
O que terá
Dona Leonor?
Alguma dor
Será?!
O que lhe dói?
Que foi? Que foi?
Que aconteceu?!
Que sucedeu?!

O TENENTE-CORONEL *(Desesperado ao pé da filha, que esperneia.)* - Tragam vinagre! O caso é grave!

(A um negro, dando-lhe uma chave.) Trá-lo do armário: aí tens a chave!

(Durante o Coro, o escravo volta com um galheteiro. O Tenente-Coronel dá a cheirar o vinagre a Leonor, que volta a si aos poucos. Enquanto Todos estão ocupados com Leonor, Passos Pereira traz Frederico à boca da Cena; Francelina acompanha este movimento.)

PASSOS PEREIRA - A sua explicação deve ser dada já!

FREDERICO - Eu tudo explicarei!

FRANCELINA *(À parte.)*- O que é que explicará?

FREDERICO - Prometi casamento a Leonor...

FRANCELINA - Ah!

(Cai numa cadeira com um ataque de nervos. Desespero de Passos Pereira. Todas as atenções voltam-se para Francelina.)

CORO - Bonito! Bonito!

Agora é por cá!...
Mais um faniquito!
Contágio será?

PASSOS PEREIRA - Tragam vinagre. O caso é grave!

(O Negro tem já levado o galheteiro e restituído a chave ao Tenente-Coronel que lha entrega de novo.)

O TENENTE-CORONEL - Trá-lo do armário: aí tens a chave.

(Durante o Coro, Francelina volta a si, aspirando o vinagre que o negro traz.)

Doutor, FRANCELINA *(Vindo ao proscênio.)*

- Perjuro, pérfido.
Que amei tanto,
Desprezo indômito
Mereces bem!
Meu Deus! num ápice
Quebrou-se o encanto
Ingrato, voto-te
Fero desdém!

O TENENTE-CORONEL - Que trapalhada!

Que confusão!
Pede a charada
Decifração!

JUNTOS

Frederico, o Doutor Dona Maria
'Stá despeitada Realizada
Pudera não! Pudera não!
De estar zangada Verei, casada,
Tem bem razão Minha ambição!
Os outros E CORO - Que trapalhada!
Que confusão!
Pede a charada
Decifração!

O VIGÁRIO *(Agarrando o violão com energia.)* - Atenção
Prá que finde este zun-zum,
Vou cantar ao violão

Um buliçoso lundum
De minha composição!

TODOS - Venha a lundum!

(O Vigário senta-se e afina o instrumento. Prestam-lhe Todos muita atenção.)

LUNDUM

I
O VIGÁRIO - Toda gente
Logo sente
Nos malditos
Faniquitos,
Diabruras,
Travessuras
De Cupido
Destemido!
Dorme em paz, meu coração
Ai!
Dorme em paz meu coração,
Que as Marocas
E Xandocas
E Bicotas
E Nicotas
Tiranas são,
ai, sim, tiranas são!

CORO - Que as Marocas
E Xandocas
E Bicotas
E Nicotas
Tiranas são,
ai, sim, tiranas são!

O VIGÁRIO - Namorados
Irritados
São amantes
São contantes,
Só desejo,
Quando os vejo
Copiá-los,
Imitá-los!

Dorme em paz, meu coração,
Ai!
Dorme em paz meu coração
Que as Marocas
E Xandocas
E Bicotas
E Nicotas
Tiranas são,
ai, sim, tiranas são!

(O Coro repete o estribilho e aplaude o cantor com ruidosa salva de palmas.)

ATO TERCEIRO

Terreiro da fazenda; À esquerda, a casa com alpendre. Cerca e tranqueira aberta. Em perspectiva, a senzala e morros, com plantações de café. À direita uma grande árvore, à sombra da qual está um banco de jardim. Instrumentos aratórios, etc. Ao levantar o pano a Cena está vazia. Ouve-se ao longe o Coro que termina o primeiro ato, que se supõe entoada pelos escravos no eito. Raimundo sai de casa.

CENA I

Raimundo, depois o Tenente-Coronel.

RAIMUNDO - Dor... dor... minhocos! Não sabem go... gozar a fres... fresca da manhã! *(Sai pela tranqueira. Aparece o Tenente-Coronel da esquerda e grita para dentro.)*

O TENENTE-CORONEL - Olá! ó moleque! não vês que a porta do chiqueiro está aberta, e que daqui a nada os porcos estão fossando na horta, excomungado! Vai fechar a cancela, moleque! E de caminho, muda aquela água da gamela, diabo! *(O Vigário tem entrado da direita.)*

CENA II

O Tenente-Coronel, o Vigário.

O VIGÁRIO - Não fale do diabo, que é pecado!

O TENENTE-CORONEL - Olá, Reverendo... desculpe... Aquilo é uma gente danada! E então depois da lei de 28 de setembro! (*Apertando a mão do Vigário.*) Como vai essa católica? Eu estava à espera de Vossa Reverendíssima.

O VIGÁRIO - Estou às suas ordens. Não me fiz esperar. (*Senta-se no banco.*)

O TENENTE-CORONEL - Desculpa o sacrifício que o obriguei a fazer.

O VIGÁRIO - Qual sacrifício! Eu gosto de levantar-me cedo e ver despontar a aurora.

O TENENTE-CORONEL - A aurora é o riso do céu, a alegria dos campos, a respiração das flores, a harmonia dos ares, a vida e o alento do mundo, como diz o Padre Vieira. - Mas vamos ao que serve.

O VIGÁRIO - Negócio político?

O TENENTE-CORONEL - Qual negócio político! Trata-se mesmo disso!

O VIGÁRIO - Recebeu jornais da corte?

O TENENTE-CORONEL - Recebi o *Jornal do Comércio* e o *Mequetrefe*, que traz o meu retrato.

O VIGÁRIO - Viu aquele artigo contra o Benício?

O TENENTE-CORONEL - Ah! sim... uma mofina...

O VIGÁRIO - Que tal achou?

O TENENTE-CORONEL - Passei os olhos... não li.

O VIGÁRIO - Não leu? (*Tirando da algibeira um número do Jornal do Comércio.*) Pois ouça... (*Lendo.*) "O infeliz município de...

O TENENTE-CORONEL (*Interrompendo.*) - Não! Agora não, Reverendíssimo. Não se trata de Benício. Tomei a liberdade de mandar chamá-lo para tratarmos de um assunto mais sério...

O VIGÁRIO - Mas...

O TENENTE-CORONEL - Demais, eu sou franco: não gosto de descomposturas anônimas... O homem deve dizer o que pensa sob sua imediata e absoluta

responsabilidade... e de frente; isto de andar a insultar Os outros de máscara no rosto e a seis vinténs por linha, não me parece decente.

O VIGÁRIO - Pois você queria que eu, um Vigário, assinasse isto?

O TENENTE-CORONEL - Ah! Perdão! eu não sabia que o artigo era de Vossa Reverendíssima.

O VIGÁRIO - É que não está ao fato da maroteira que o Benício praticou comigo! Pediu-me que protegesse a sua eleição, que me empenhasse com os nossos correligionários... fiz-lhe o que não se faz a um filho... Cheguei a ponto de pedir uma vez aos meus paroquianos, em uma prática depois da missa, que votassem nela! Bem! pilhas-me na corte... Escrevo-lhe uma carta pedindo um emprego para meu sobrinho Ezequiel, filho de meu irmão Custódio... um emprego no Correio para um primo de minha cunhada... um lugar na Estrada de Ferro para um parente, que é alferes honorário do Exército e tem serviços de campanha... que arranjasse na Instrução Pública...

O TENENTE-CORONEL - Vossa Reverendíssima pediu tanta coisa um só tempo!

O VIGÁRIO - Não o defenda, Tenente-Coronel, não o defenda. Aquilo é um cão! (*Levantando-se e querendo ler o artigo.*) “O infeliz município de...”

O TENENTE-CORONEL (*Tomando-lhe o jornal.*) - Depois... depois... Deixemos por um momento a política e ouça!

O VIGÁRIO (*Contrariado.*) - Vamos lá... o que deseja você?

O TENENTE-CORONEL - Vossa Reverendíssima assistiu a todo aquele escândalo de ontem, não? Chamei-o para fazer o favor de dizer-me de tudo aquilo e ajudar-me com os seus conselhos;

O VIGÁRIO - Assisti, é verdade... mas não compreendi... Vi que sua afilhada teve um faniquito... que a filha do tal Passos Pereira teve outro... Entre parêntesis: Não simpatizo muito com o tal Pereira... Um sujeito sem opiniões políticas, homem! Não é cidadão brasileiro!

O TENENTE-CORONEL - E Vossa Reverendíssima a dar-lhe com a política!

O VIGÁRIO - Vi que entre seu filho, sua afilhada, a filha do Pereira e o Doutor Pinheirinho havia qualquer coisa... o que, aliás, foi notado por Todos... mas, com franqueza, não pude perceber o que era!

O TENENTE-CORONEL - Nem eu. Era uma salsada que ninguém entendia... Mas o que me aconselha, padre-mestre? Vossa Reverendíssima compreende que é preciso tirar esse negócio a limpo.

O VIGÁRIO - Onde estão eles?

O TENENTE-CORONEL - Todos recolhidos ainda.

O VIGÁRIO - Reúna-os, e que se expliquem! É fácilimo!- Aí vem o homem sem opiniões políticas! (*Passos Pereira tem saído de casa.*)

CENA III

O Tenente-Coronel, o Vigário, Passos Pereira.

PASSOS PEREIRA - Ora muito bom dia! O Senhor Tenente-Coronel madrugou! Já por cá, Reverendíssimo?

O VIGÁRIO (*Apertando-lhe a mão.*) - Como vê.

O TENENTE-CORONEL (*Apertando a mão de Passos Pereira.*) - Passou bem a noite?

PASSOS PEREIRA - Foi um sono só. (*À parte.*) Não preguei olho... (*Alto.*) E o senhor?

O TENENTE-CORONEL - Perfeitamente. (*À parte.*) Passei a noite em claro.)

PASSOS PEREIRA - O que me diz dos acontecimentos de ontem?

O TENENTE-CORONEL - Precisamos conversar a esse respeito.

O VIGÁRIO - Nesse caso, com sua licença... Ainda não se toma café cá por casa?

O TENENTE-CORONEL - Há que tempo! Entre. A Tomásia lá está para servi-lo. (*Gritando para casa.*) Ó Tomásia, serve aí o Senhor Vigário!

O VIGÁRIO (*Encaminhando-se para casa.*) De café, Tomásia, de café. - Até já. (*Sai*)

CENA IV

O Tenente-Coronel, Passos Pereira, depois Dona Maria.

PASSOS PEREIRA - Senhor Tenente-Coronel, minha filha teve a honra de ser pedida em casamento por seu filho.

O TENENTE-CORONEL - Deveras? E o maroto não me dizia nada!

PASSOS PEREIRA - Esta circunstância explica minha presença aqui... Vim tomar informações com o Doutor Pinheiro... O senhor também é pai, e compreende perfeitamente...*(Com ares de orador.)* que a responsabilidade moral pelo futuro dos filhos pesa imediatamente sobre as costas desses novos Anteus, que se chamam pais.

O TENENTE-CORONEL - Apoiado! - Mas isso não justifica os faniquitos...

PASSOS PEREIRA - Definamos as situações, Senhor Tenente-Coronel, definamos as situações! Seu filho não dirige uma palavra à noiva... não se senta ao seu lado... não olha para ela... O que quer isto dizer?

O TENENTE-CORONEL - Não sei... mas é fácil sabê-lo... Há de ser tudo posto em trocos miúdos... Se meu filho prometeu casamento a sua filha, há de cumprir por força a sua palavra! por força! Vou mandar chamá-lo. *(Para o fundo.)* Ó Simplício! vai lá dentro dizer a senhor moço que o espero aqui no terreiro. *(Um negro atravessa a Cena e entra na casa, donde sai algum tempo depois.)*

PASSOS PEREIRA - Tenho andado apoquentadíssimo... Quero muito bem a esta menina... O senhor compreende... A pobrezinha não tem mãe...

O TENENTE-CORONEL - Ah! o senhor é viúvo?

PASSOS PEREIRA - Sou, mas tornei a casar, para dar-lhe segunda mãe. *(Aparece Dona Maria à porta da casa.)* Francelina tinha cinco anos quando enviuei...

DONA MARIA *(À parte, descendo.)* - Quando enviuvou! Ah! ele é viúvo, meu Deus, ele é viúvo!...

O TENENTE-CORONEL *(À parte, vendo Dona Maria.)* - Bom! começa a amolação!

DONA MARIA *(Aproximando-se.)* - Senhor Tenente-Coronel, muito bom dia... Bom dia, Senhor Passos Pereira...

O TENENTE-CORONEL - Dona Maria...

PASSOS PEREIRA - Minha senhora... Passou bem a noite?

DONA MARIA - Não... não... Muito agitada... muito nervosa... Sonhei toda a noite...

PASSOS PEREIRA - Com sua irmã das Laranjeiras?

DONA MARIA - Não! Coitada da minha irmã! (*O Tenente-Coronel vai sentar-se de mau humor no banco... À meia voz.*) Sonhei com um homem...

PASSOS PEREIRA - Um homem?

DONA MARIA - Fale baixo. - Um viúvo.

PASSOS PEREIRA - Ah!

DONA MARIA (*À parte*)- Não percebeu... Oh! os homens são cegos! (*Alto*) Dê-me o seu braço, Senhor Passos Pereira; vamos até a horta...

PASSOS PEREIRA (*Contrariado, dando-lhe o braço e saindo com ela.*) - Pois não, minha senhora. - Tenente-Coronel, eu volto já...

O TENENTE-CORONEL (*Depois que saem, erguendo-se furioso.*) - Esta mulher é como a lavoura: está sempre a pedir braços! (*Entra Frederico, vindo de casa.*)

CENA V

O Tenente-Coronel, Frederico.

FREDERICO - A benção, meu pai?

O TENENTE-CORONEL (*Dando-lhe a mão a beijar, sombrio.*) - Santinho.

FREDERICO - Mandou chamar-me?

O TENENTE-CORONEL - Mandei, sim, senhor... Venha cá... (*Levando-o para o banco e sentando-se ao lado dele.*) Sente-se aqui... Estou muito zangado com você...

FREDERICO (*À parte.*) - Aguenta-te no balanço, Frederico!

O TENENTE-CORONEL - Então acha você que isto de casamento é brincadeira de criança, hein?

FREDERICO (*À parte.*) - Leonor queixou-se... (*Alto.*) Foi uma leviandade, meu pai... uma criança de que tenho me arrependido e deveras...

O TENENTE-CORONEL - Vem tarde o arrependimento... Demais, ela é digna de você...

FREDERICO - Digníssima! Oh! mas depois que vi a outra! (*Erguem-se ambos.*)

O TENENTE-CORONEL - A outra? Temos outra!

DUETINO

FREDERICO - A outra é muito mais graciosa,
Tem mais encantos para mim;
Nunca vi moça mais garbosa,
Não, nunca vi mulher assim!
A outra é bela entre as mais belas,
É gentil entre as mais gentis!
Convicto estou que de ambas elas
A outra só far-me-á feliz.

O TENENTE-CORONEL - Este mundo velho
De catrâmbias vai:
Fala assim'um fedelho
Nas barbas do pai!
Que bonita história:
Que bonito angu!
De uma palmatória
Precisavas tu!

FREDERICO - Por ela suspiro de noite e de dia!

O TENENTE-CORONEL - Do que precisavas, velhaco, bem sei!

FREDERICO - Amor dos amores
Minha alma inebria!

O TENENTE-CORONEL - *O tempora! o mores!*
Nada mais direi.

FREDERICO - Por ela suspiro de noite e de dia!
Que exista outro afeto mais puro não sei!
Amor dos amores

Minha alma inebria!
Por ela de flores
A vida terei

O TENENTE-CORONEL - Por ela suspira de noite e de dia
Do que precisavas, velhaco, bem sei!
Amor dos amores,
Sua alma inebria!
O tempora, o mores!
Nada mais direi.

O TENENTE-CORONEL - A outra? Qual outra? Valha-me Deus, pois lembra-te de outra, quando sabes que o pai...

FREDERICO - Qual pai? Ela não tem pai! Só se é vossemecê.

O TENENTE-CORONEL - Eu? Então eu sou pai da filha do Passos Pereira, rapaz?

FREDERICO - A outra é filha dele.

O TENENTE-CORONEL - Que trapalhada, santo Deus! A outra é; e a outra quem é?

FREDERICO - Expliquemo-nos: eu prometi casamento a duas.

O TENENTE-CORONEL - Mas quem é a outra?

FREDERICO - A filha de Passos Pereira.

O TENENTE-CORONEL - Essa é uma; e a outra?

FREDERICO (*Naturalmente.*) - Leonor!

O TENENTE-CORONEL (*Admirado.*) - Leonor!...

CENA VI

O Tenente-Coronel, Frederico, o Vigário, depois Passos Pereira, Dona Maria.

O VIGÁRIO (*Acariciando o abdômen.*) - Agora sim! Entrei num bolo de milho, que não lhe achei espinhas nem ossos!

O TENENTE-CORONEL (*A Frederico.*) - Então não cumprimentas o Senhor Vigário?

FREDERICO - Já nos falamos lá dentro.

O TENENTE-CORONEL - Urge desembulhar esta meada. Aquela maldita Dona Maria carregou com o Passos Pereira para a horta.

O VIGÁRIO - Esta Dona Maria não me parece ter lá muito juízo! Está sempre a pedir-me o braço... sempre a dizer que toco bem violão!

FREDERICO - Eles aí vem. (*Entram Passos Pereira e Dona Maria de braços dado.*)

O TENENTE-CORONEL - O Doutor Pinheirinho está fazendo falta...

DONA MARIA - Então! tomou o seu café, Senhor Vigário?

O VIGÁRIO - É verdade, minha senhora... e com um bolo de milho...

DONA MARIA (*Deixando o braço de Passos Pereira e indo apertar a mão de Frederico.*) - Como passou a noite?

FREDERICO - Um sono só. (*À parte.*) Não preguei o olho. (*Alto.*) E a senhora?

DONA MARIA - Muito agitada... muito nervosa... Sonhei toda a noite... (*Baixinho.*) com um moço...

FREDERICO - Um moço?

DONA MARIA - Fale baixo. - Um moço solteiro... estudante...

FREDERICO - Ah! (*À parte.*) Dir-se-ia uma declaração!

O TENENTE-CORONEL (*De mau humor, apontando para Dona Maria.*) - Decididamente aqui não arranjam nada! Senhor Vigário, Frederico, Senhor Passos Pereira, vamos para a sala de visitas...

FREDERICO - Vamos (*À parte.*) Devo estar com uma cara...

Os Quatro - Com licença, Senhora Dona Maria. (*Entram em casa.*)

CENA VII

Dona Maria, depois Raimundo.

DONA MARIA (Só.) - Anda uma balbúrdia nesta casa, que só Deus sabe... O que eu desejo, no meio de tudo isto, é não ficar sem casamento... Arre, que não é sem tempo! (*Tirando um livro do bolso.*) Vou ler este romance, que me mandou da corte minha irmã das Laranjeiras... *As mulheres de bronze...* Ah! de bronze é que eu queria ser! (*Senta-se no banco e abre o romance. Aparece ao fundo Raimundo, montado num burro.*)

RAIMUNDO - Eh! eh! Olá! (*Apeia-se e entrega o animal a um negro que aparece.*) Vai guardar... o... outro! (*O negro sai, levando o animal pela rédea. Raimundo desce à Cena.*)

DONA MARIA - Já de volta de seu passeio, Senhor Mundico. (*À parte.*) Este, à falta de outro...

RAIMUNDO (*À parte.*) Gos... gostei do... Mundico. (*Alto.*) É ver... verdade, mi... minha senhora. Esta gen... te a... aqui não sabe go... gozar... e fica na ca... na cama até que... que horas! (*Indo apertar-lhe a mão.*) Como pa... passou a... a noite?

DONA MARIA - Mal... muito agitada... muito nervosa... Sonhei toda a noite com um... moço...

RAIMUNDO - Um mo... moço?

DONA MARIA - Fale baixo. - Um moço gago...

RAIMUNDO (*À parte.*) - A velha es... está me fa... fazendo uma de... decla... declaração!...

DONA MARIA - Vamos dar um passeio até a horta?

RAIMUNDO - Pois não! (*À parte.*) Eu pre... preferia uma xí... xícara de café... (*Dá-lhe o braço.*)

DONA MARIA (*Saindo com ele.*) - Ai, ai, Senhor Mundico. (*À parte.*) Deixem lá... ele não é tão feio...

RAIMUNDO - Pa... pa... pa... (*Saem. Não se ouve o resto.*)

CENA VIII

Leonor, só.

LEONOR (*Que sai de casa.*) - Não me posso esquecer de sua perfídia! Mas não sou eu igualmente culpada? O que ele praticou não pratiquei também? Tenho acaso o direito de queixar-me? Que horrível situação, meu Deus, que horrível situação!

RONDÓ-VALSA

Que situação
O direito não ter de acusá-lo!
Duplo perdão
Deve ser de nós ambos regalo!
Tremendo estou,
Pois não sei se faremos as pazes!
Quem me mandou
Terno amor jurar a dois rapazes?
Eu tremo... tremo,
Soluço e choro,
Soluço e gemo,
Pois que o adoro
Com tanto extremo
De amor... de amor,
Que, se perdesse
Fortuna tanta,
Ó Virgem Santa,
Talvez morresse...
De dor... de dor!
Esta triste aventura,
Que aliás, faz rir,
De lição, porventura
Poderá servir!
Que situação
O direito não ter de acusá-lo!
Duplo perdão
Deve ser de nós ambos regalo!
Tremendo estou,
Pois não sei se faremos as pazes!
Quem me mandou
Terno amor jurar a dois rapazes?

CENA IX

Leonor, o Doutor Pinheiro.

O DOUTOR (*Depois de alguma pausa.*) - Leonor... é preciso haver entre nós uma explicação clara e positiva...

LEONOR - Não quero outra coisa. (*Indo sentar-se no banco. Pausa.*) O senhor ama-me?

O DOUTOR - E mo pergunta?

LEONOR (*Com simplicidade.*) - Eu amo-o também. Casemo-nos... Não sei para que mais explicações...

O DOUTOR - São ociosas... são.

LEONOR - Eu já me esqueci o que o senhor me fez...

O DOUTOR - Esqueceste? Ah! estou perdoado!

LEONOR (*Um tanto admirada.*) - Está.

O DOUTOR (*Caindo-lhe aos pés.*) - Obrigado, Leonor... Obrigado! (*Beijando-lhe ardentemente as mãos.*) Tiraste-me do coração um peso de seis arrobas!

LEONOR (*Timidamente.*) - Agora espero que me perdoará também...

O DOUTOR (*Sempre de joelhos.*) - Que te perdoarei? O quê?... (*Perplexo. Levanta-se lentamente.*)

LEONOR (*À parte.*) - Ai! ele de nada sabe! Ainda bem! (*Alto.*) Perdoar-me... não o ter perdoado há mais tempo...

O DOUTOR - Não falemos mais nisso. O que deves é ajudar teu noivo a ver-se livre do Passos Pereira.

LEONOR - O que tem o Passos Pereira?

O DOUTOR - Vem buscar o cumprimento da promessa de casamento que eu fiz à filha...

LEONOR - Ela aí vem... Deixa-nos sós... Hei de desenganá-la.

O DOUTOR - Desengana... desengana... (*À parte.*) Que papel estou eu representando, meu Deus do céu!

CENA X

Leonor, Francelina.

FRANCELINA (*Friamente.*) - Bom dia, Dona Leonor.

LEONOR (*No mesmo.*) - Bom dia, Dona Francelina.

FRANCELINA - Passou bem a noite?

LEONOR - Perfeitamente, obrigada. (*À parte.*) Em claro. (*Alto.*) E a senhora?

FRANCELINA - Bem obrigada... (*À parte.*) Não dormi cinco minutos. (*Vai sentar-se no banco.*)

LEONOR (*Depois de um momento de silêncio.*) - Estava morta por vê-la.

FRANCELINA - Sim? Por quê?

LEONOR - É preciso que... que nos expliquemos.

FRANCELINA - A respeito de...

LEONOR - Sim, senhora: a respeito de...

FRANCELINA - Com mil vontades.

LEONOR (*Indo sentar-se ao lado dela e ameigando a voz.*) - Dona Francelina... a senhora não se zangue conosco... mas... ele não a ama!

FRANCELINA (*Erguendo-se vivamente, à parte.*) - Ele! Frederico! (*Alto.*) Como não me ama, se me pediu em casamento?

LEONOR (*Erguendo-se.*) - Foi uma leviandade... Também me pediu a mim... E ontem...

FRANCELINA - A mim já me havia pedido há muito mais tempo! Tenho o direito de antiguidade.

LEONOR - Os últimos são os primeiros. Demais, eu não quero saber se a senhora é mais antiga do que eu...

FRANCELINA - Mais antiga, não! Olhe lá, hein?!

LEONOR - O que sei é que ainda agora mesmo, nesse lugar em que a senhora está, acabou ele de confessar que me ama.

FRANCELINA (*À parte.*) Oh! pérfido! (*Alto.*) Vou dizer tudo a papai... porque, minha senhora, estes negócios devem liquidar-se entre os homens!

LEONOR - Mas que teima de moça! Ele não gosta da senhora!...

FRANCELINA - Mas eu gosto dele, está! Não cedo! (*À parte.*) Era o que faltava! O meu Frederico!

LEONOR - Nem eu tampouco, ouviu?... ouviu??... (*À parte.*) Tínhamos que ver! o meu Pinheirinho!

DUETINO

FRANCELINA - Não cedo! não cedo! não cedo!
Não me faltava mais nada!
Não vê! não vê!

LEONOR - Não tenho medo,
Nem de você,
Nem doutra mais pintada!

FRANCELINA - Não seja malcriada!
LEONOR - Não seja arrebitada!
E escute lá;
Talvez não saiba o que aqui está!

I
Como uma princesa
Tive educação,
Língua portuguesa
Sei com perfeição;
Toco bem piano,
Danço muito bem,
E a cortar um pano
Não me ganha alguém!
Sei ler,
Escrever,
Somar e diminuir

Multiplicar e repartir.

II

Que até sou pacata
Ninguém negará;
Moça mais cordata
Cuido que não há;
Mas, quando a mostarda
Chega-me ao nariz,
Faço uma bernarda,
Mato por um triz!
Sei dar,
Esmurrar,
Aplicar cem pescoções
E quatrocentos bofetões!

CENA XI

Leonor, Francelina, o Doutor.

(Francelina e Leonor vão engalfinhar-se, quando se mete de permeio o Doutor, que apanha de ambas)

O DOUTOR - O que é isto? o que é isto?

LEONOR - Chegou à propósito. *(A Francelina.)* Ele aqui está; explique-mo-nos!

O DOUTOR *(Timidamente a Leonor.)* - Então é assim que a desenganaste?

FRANCELINA - Mas não é este...

LEONOR - Não é este?...

FRANCELINA - Não! É o Frederico!...

LEONOR, o DOUTOR - Ah! é o Frederico que!...

CENA XII

Leonor, Francelina, o Doutor, o Tenente-Coronel.

O TENENTE-CORONEL (*Aparecendo à porta da casa.*) - Ó Leonor! Dona Francelina! Doutor! (*Sacudindo-lhe a mão.*) Como passou a noite?

O DOUTOR - Bem, obrigado. (*À parte.*) Passei-a em claro.

O TENENTE-CORONEL - Venham Todos explicar-se à sala de visitas... Lá temos estado - o Vigário, o Senhor Passos Pereira e eu... Mas quanto mais nos explicamos, mais embrulhamos a meada. A presença de vocês três é indispensável. Venham!

TODOS - Vamos!

O DOUTOR (*À parte.*) - O Frederico... como diabo?... Estou fazendo uma bonita figura! Venham! (*Entram Todos na casa. A Cena fica um instante vazia.*)

CENA XIII

O Mestre-Escola, depois meninos da escola, Clorindo, Salustiano.

O MESTRE-ESCOLA (*Entrando cautelosamente.*) - Ninguém! Nós *entremo* pelo terreiro, para a *sorpresa sê mais maió*. Foi uma boa lembrança. Venho com Todos os *menino* da escola *comprimentá* o Tenente-Coroné pela chegada de seu filho *Ferderico*. (*Para fora*) Psiu! *Venhum* tudo!

(Música. Entrada de um Coro de rapazes de seis até quinze anos, fazendo uma escada. Entre eles, Salustiano e Fabrício. Depois do mais pequenino, está Clorindo, adulto e barbado. Cada um traz um ramalhete na mão.)

CORO DE RAPAZES - *Menino da escola semos*
E mais que o mestre sabemos,
Pois Todos *este menino*
Sabe a cartilha de có,
Tanto os *pequenino*
Como os *mais maió!*

O MESTRE-ESCOLA (*Ao público.*) - É um gostinho! Querem vê?

(Aos rapazes.) - Digam lá o a b c!

Os Rapazes - A, B
C, D
E, F, G, H
I, J, K,

L, M, N, O, P,
Q, R, S, T,
U, V,
X, Y, Z.

COPLAS

I

O MESTRE-ESCOLA - Este belo município
É-me muito *devedô*:
Dos *progresso das ciência*
Sempre na vanguarda *tou*
Por isso da Rosa o Hábito
Em breve *recebê* vou!

CORO - Ai! ai!

II

O MESTRE-ESCOLA - Quando eu *tivé* a tetéia.
Hei de *dá* um bom *jantá*;
Os *juiz* e seu Vigário
Convidadinho será
E, durante um mês da *pândiga*
Tudo aqui ondem *falá*!

CORO - Ah! ah!

E, durante um mês da *pândiga*
Tudo aqui ondem *falá*

O MESTRE-ESCOLA - *Vamo! vamo fazê* mais um ensaio do *descurso! Salustriano*, diga lá.

SALUSTIANO (*Aproximando-se e declamando.*)- *Senhô Tenente-croné*, se bem que sejamos...

O MESTRE-ESCOLA (*Emendando.*) - Que *séjamo*, *Salustriano*, que *séjamo!*
Prencipia outra vez do *prencípio*.

SALUSTIANO - *Senhô Tenente-croné*, se bem que sejamos...

O MESTRE-ESCOLA - Ah! É assim? (*Tira uma fêrula da algibeira e dá duas palmatoadas em Salustiano.*) Dá cá o discurso! Leia você, Fabrício...

FABRÍCIO - Eu não sei, não *senhô!* (*Desata a chorar. O Mestre-Escola procura outro com os olhos.*)

OS MENINOS (*Chorando.*) - Nem eu, não *senhô!*

O MESTRE-ESCOLA - Clorindo, tu é que vai *sarvá* a situação, meu *véio!*...(*Dá-lhe o discurso.*)

CLORINDO (*Lendo como nas escolas, soletrando e cantando.*) - “Senhor Tenente... c o co, r o ro... Senhor Tenente-cronel...

O MESTRE-ESCOLA - *Croné... croné...*

CLORINDO (*Continuando.*) - “Senhor Tenente-croné, se bem que s e se...”

O MESTRE-ESCOLA - *Séjamos!* Essa palavrinha tá *difíce, tá!* Dá cá, deixa *emendá.* (*Tira um lápis e emenda.*) Se bem que *semos...* *Prencipia* de novo do *prencipio.*

CLORINDO (*no mesmo.*) - Senhor Tenente-croné, se bem que *semos* cri... a n an... crianças... (*Chorando.*) Mas, seu *professô,* eu não sou criança... Eu sou menino de escola, mas não sou criança...

O MESTRE-ESCOLA (*Tomando-lhe o discurso.*) - *Vacês* o que é sei eu... Dê cá isto, que eu *memo* leio!

CENA XIV

O Mestre-Escola, Clorindo, rapazes da escola, Raimundo, Dona Maria.

RAIMUNDO (*Entrando.*) - Oh! que ba... que ba... ba... ba... talhão!

DONA MARIA (*Ao Mestre-Escola.*)- Bons dias, senhor professor. (*À parte.*) Este não serve. É tão estúpido... (*Vai sentar-se no banco.*)

O MESTRE-ESCOLA - Bons *dia!*

RAIMUNDO - Então o que anda fazendo com a ra... pa... pa... paziada?

O MESTRE-ESCOLA - Nós *viemo felicitá o Tenente-croné* pela chegada do filho dele.

DONA MARIA - Ah! são os seus discípulos?

O MESTRE-ESCOLA - Sim, senhora; mas *veio só os mais inteligente; os mais burro* ficou.

DONA MARIA - Aquele barbado também é?

O MESTRE-ESCOLA - Também, sim, senhora.

DONA MARIA - Credo! que já tem idade para casar! Deve estar bem adiantado!

O MESTRE-ESCOLA - Clorindo, chegue-se ali à Senhora Dona Maria e dê umas *amostrinha* de sua habilidade.

CLORINDO (*Aproxima-se de Dona Maria e vai a sentar-lhe no colo.*) - Sim, senhor.

DONA MARIA - O que é isto?

RAIMUNDO - Que... que... que tal?

O MESTRE-ESCOLA - Desculpe ele... é costume...

DONA MARIA - Pensando bem... que mal havia?

O MESTRE-ESCOLA (*A Clorindo.*) - Vá!

Clorindo *Declamando como na escola.*)

- "*As arma e os barões assinalado,
Por mares nunca dantes navegado
Passaram inda além da Taporbona,
Em perigos e guerra esforçado,
Mais do que permitia as forças humanas,
Entre gente arremota edificárum
Novo reino que tanto assublimárum!*"

DONA MARIA - Muito bonito! Esse versos foram escritos pelo menino?

RAIMUNDO - Oh!

CLORINDO - Não, senhora! Quem me ensinou eles foi seu *professô*.

O MESTRE-ESCOLA - São de *Camões*, *siá dona*.

CENA XV

O Mestre-Escola. Clorindo, rapazes da escola, Raimundo, Dona Maria, o Vigário

O VIGÁRIO (*Entrando.*) - Uf! Deixei-os lá a raspei-me! Nada, que o negócio cada vez mais se complica! Falam Todos a um tempo! Ora que o Vigário tinha que ser ouvido e cheirado em quanta questão de família apareça na freguesia! Dona Francelina já teve um faniquito... Dona Leonor dois... (*Vendo os circunstantes.*) Olé! por cá? O que é isto? A que vem o regimento?

RAIMUNDO - Uma fe... fe... fe... feli...

O VIGÁRIO - Felicitação...

RAIMUNDO - Ao Te... te... te... nente co... co...

O VIGÁRIO - Ao Tenente-Coronel...

O MESTRE-ESCOLA - Pela arribação de seu *Ferderico*.

O VIGÁRIO - Ah!

DONA MARIA (*Que tem levado a fazer festas a Clorindo.*) - Sim, senhor; disse muito bem os seus versinhos.

RAIMUNDO (*À parte.*) - Versinhos, os Lu... Lu... Lusia... a... das.

O VIGÁRIO - Quem, este machacaz? (*Clorindo beija-lhe a mão.*) Isto é um idiota! já diz versinhos, e a apostar em como não sabe a Ave-Maria de cor!

CLORINDO (*Muito lampeiro*) - Sei, sim, *senhô*..

O VIGÁRIO - Pois dize lá!

CLORINDO - "Ave-Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita... bendita...

O MESTRE-ESCOLA - Anda, burro!

CLORINDO (*Continuando.*) -... sois vós, bendito é o fruto de vosso ventre, amém, Jesus.”

RAIMUNDO (*Batendo palmas.*) - Bra...vo! bravo! (*Clorindo vai para o seu lugar.- A Dona Maria.*) Não lhe... lhe pergunta se... se... aquilo é fei... feito por... por ele? (*Dona Maria sorri. Entra o Tenente-Coronel.*)

CENA XVI

O Mestre-Escola, Raimundo, Dona Maria, o Vigário, Clorindo, rapazes da escola, O Tenente-Coronel, depois Passos Pereira.

O TENENTE-CORONEL - Ora graças que está tudo líquido! Arre! Custou!

O VIGÁRIO - Ainda bem! Chegaram-se Todos às boas, hein?

O MESTRE-ESCOLA (*Que tem se aproximado, lê com ênfase o seu discurso;*) - “Se bem que *séjamos* crianças...”

O TENENTE-CORONEL (*Sem reparar.*) - Houve um quiproquó... O Pinheirinho supunha que o Passos Pereira...

O MESTRE-ESCOLA (*Que tem mudado de posição, aos ouvidos do Tenente-Coronel.*) - “... *sabemo* *compreendê* perfeitamente os *sentimento parterná!*”

O TENENTE-CORONEL (*Que tem se assustado.*) - O que é isto?

O MESTRE-ESCOLA (*Continuando.*) - “Todo aquele cujo *este* não *soubé* *compreendê* estas *coisa* não é *home*; por isso não *podemo* nos *furtá* ao *prazê* de *vi* *cumprimentá* Vossa *Senhoria*, *Senhô* Tenente-*croné*, que neste dia *vê* restituído nos seus *braço* o filho que outrora *concebeu*; por isso aceite Vossa *Senhoria*, *Senhô* Tenente-*croné*...”

PASSOS PEREIRA (*Saindo de casa a gritar.*) - Ora até que afinal nós..

TODOS (*Impondo-lhe silêncio para não interromper o discurso.*) - Psiu! (*Dona Maria chama para junto de si Passos Pereira, que obedece.*)

O MESTRE-ESCOLA (*Sem perturbar-se.*) - “... um ramo de *fulô* de cada um de nós por este dia. (*Música na orquestra. Pequena desfilada dos rapazes, que, a um gesto do Mestre-Escola, vão entregar, um a um, o seu ramalhete ao Tenente-Coronel, que fica atrapalhado com tantas flores.*)

O TENENTE-CORONEL (*Depois da desfilada.*) - Agradeço comovido esta manifestação, e convido-os para almoçarem Todos comigo. (*Gritando para a casa.*) Prepara o almoço pa-mais... uma... duas... três... etc; (*Conta quantos são os meninos e diz: "para tantas pessoas." - depois retoma a atitude de orador.*) Ficará gravado eternamente em meu coração este discurso, onde, imerecidamente, sou mais honrado que a língua nacional.

RAIMUNDO - A... po... poiado!

O MESTRE-ESCOLA (*À parte.*) - Não entendi este final. (*O Tenente-Coronel dá um ramallete a Dona Maria, e entrega Os outros a um negro que os leva para casa.*)

DONA MARIA (*Continuando uma conversa com Passos Pereira, a quem dá uma flor do ramallete.*) - Mas por que não se quer casar?

PASSOS PEREIRA (*Pregando a flor numa casa do casaco.*) - Eu minha senhora? Por uma razão muito simples...

DONA MARIA - Qual?

PASSOS PEREIRA - Porque sou casado!

DONA MARIA (*Erguendo-se e deixando cair o ramallete.*) - Pois é casado?

PASSOS PEREIRA - Duas vezes, minha senhora.

DONA MARIA (*Passando à esquerda.*) - Ah! Aqui o Senhor Tenente-Coronel enviuvou e... (*Passos Pereira dá o ramallete ao Mestre-Escola. O ramallete anda de mão em mão até voltar, a seu tempo, às de Dona Maria.*)

O TENENTE-CORONEL - E não me quis casar... Para cuidados bastam os que já tenho! A senhora sim, é que deve casar... não está muito velha...

DONA MARIA - E tenho vontade, Senhor Tenente-Coronel; confesso: tenho muita vontade!

O TENENTE-CORONEL - E depois... tem um dote!

RAIMUNDO - Hein?

DONA MARIA (*Desdenhosamente.*) - Quarenta apólices da vida pública.

O TENENTE-CORONEL (*Frisando.*) - Uma casa assobradada na vila...

RAIMUNDO - Hein?

DONA MARIA - Afora o que ainda pode vir da minha irmã das Laranjeiras!

O VIGÁRIO (*Notando a alegria de Raimundo.*) - Olhe... aqui o Senhor Raimundo é que... Não toca violão... Toca?

RAIMUNDO - Não Se... Senhor.

O VIGÁRIO - Não toca violão, mas é um excelente moço. Casem-se.

DONA MARIA - O quê? Pois?...

RAIMUNDO (*Dando a Dona Maria o ramalhete que lhe tem chegado às mãos, já escangalhado.*) - Con... con..., consente?

DONA MARIA - Mundico! (*Desmaia nos braços do Vigário, que a quer passar ao Tenente-Coronel.*)

O TENENTE-CORONEL (*Esquivando-se.*) - Está muito bem nos braços da Igreja!

O VIGÁRIO (*Passando Dona Maria ao Mestre-Escola, e baixo a Raimundo.*) - Case-se e meta-se na política; mas não vá com os conservadores.

O MESTRE-ESCOLA (*Passando Dona Maria a Passos Pereira.*) - Pesa como um pecado. (*Passos Pereira atira-a nos braços do Tenente-Coronel.*)

O TENENTE-CORONEL (*Passando-a a Raimundo.*) - Tome, que isto é seu. (*À parte.*) Está livre de uma penhora!

DONA MARIA (*Tornando a si.*) - Onde estou?

RAIMUNDO - Nos... nos... nos meus braços.

DONA MARIA (*Limpendo a cara com o ramalhete, pensando que é um lenço.*) - Não é um sonho, Mundico?

RAIMUNDO (*Limpendo-a com seu lenço.*) - Não... não...

CENA XVII

O Mestre-Escola, Raimundo, Dona Maria, o Vigário, os rapazes da escola, o Tenente-Coronel, Passos Pereira, Frederico de braço dado a Leonor, o Doutor Pinheiro de braço dado a Francelina, depois os negros.

O VIGÁRIO - Ah! aqui estão os namorados! mas... expliquem-me!

FREDERICO - Muito facilmente: eu tinha prometido casamento a Leonor...

LEONOR - E eu a Frederico.

O DOUTOR - E eu a Dona Francelina.

FRANCELINA - E eu aO Doutor Pinheiro.

FREDERICO - Mas vi Francelina...

LEONOR - Mas vi o Doutor Pinheirinho...

O DOUTOR - Mas vi Leonor...

FRANCELINA - Mas vi Seu Frederico...

Os Quatro (*Ao mesmo tempo, dando uma volta.*) - E virei!

(*O Tenente-Coronel dá ordens a um negro, que se retira.*)

PASSOS PEREIRA - Acharam-se juntos...

O TENENTE-CORONEL (*Voltando.*) - Envergonharam-se.

FREDERICO - Eu julguei que Leonor estivesse ressentida...

LEONOR - Eu, que Frederico me recriminasse...

O DOUTOR - Eu, que o Senhor Passos Pereira vinha buscar o cumprimento da minha promessa.

FRANCELINA - Eu que o Doutor Pinheiro me tivesse atravessada na garganta...

OS QUATRO - E embatuei!

O TENENTE-CORONEL - Mas perceberam agora que os desvio de suas promessas... era um deslumbramento; que o amor verdadeiro tem obrigação

de ser eterno, como diz o Padre Vieira, e casam-se: Leonor com Frederico e Dona Francelina com o Doutor Pinheirinho...Reviraram. (*Dão Todos uma volta.*)

OS NOIVOS (*Abraçando-se.*) - Com muito prazer

O MESTRE-ESCOLA - Não entendo...

O VIGÁRIO - Também não é preciso... Os três casamentos far-se-ão no mesmo dia...

FREDERICO - Três! Qual é o outro?

RAIMUNDO (*Apresentando Dona Maria.*) - O nos... nosso.

DONA MARIA - Eu e Mundico. (*Abraços, apertos de mão, parabéns, etc.*)

O VIGÁRIO - Três casamentos, noventa mil réis.

DONA MARIA - Vou escrever à minha irmã das Laranjeiras. (*Volta o negro trazendo um violão, que entrega ao Vigário, e uma rabeca, que entrega ao Mestre-Escola.*)

O TENENTE-CORONEL - Vamos a um cateretê?

(*Os rapazes da escola fazem uma roda. Entram os negros e fazem outra roda. O Mestre-Escola trepa no banco para tocar rabeca. O Vigário ao lado, com uma perna sobre o banco, toca o violão. Os outros personagens formam uma nova roda no proscênio.*)

CORO FINAL - Quem tem coqueiros tem cocos,
Quem tem cocos tem coquinhos,
Quem tem amores tem zelos,
Quem tem zelos tem carinhos;
Ai, amor,
Tens mais perfumes que uma flor!

LEONOR (*Vindo ao proscênio, ao público.*)

Vou lhes dizer um segredo
Que não devem divulgar.
Se não gostaram da peça,
Um conselho hão de aceitar:
Saltem ligeiros,
Saltem para cá;
Entrem na dança!

Então! Vá lá!
Pois que não deixa
De ter seu quê
Um requebrado
Cateretê!

(Dançado característico, executado por quantos estão em Cena.)

BIOGRAFIA

Artur Azevedo (A. Nabantino Gonçalves de A.), jornalista e teatrólogo, nasceu em São Luís, MA, em 7 de julho de 1855, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 22 de outubro de 1908. Figurou, ao lado do irmão Aluísio de Azevedo, no grupo fundador da Academia Brasileira de Letras, onde criou a Cadeira nº 29, que tem como patrono Martins Pena.

Foram seus pais David Gonçalves de Azevedo, vice-cônsul de Portugal em São Luís, e Emília Amália Pinto de Magalhães, corajosa mulher que, separada de um comerciante com quem casara a contragosto, já vivia maritalmente com o funcionário consular português à época do nascimento dos filhos: três meninos e duas meninas. Casaram-se posteriormente, após a morte na Corte, de febre amarela, do primeiro marido. Aos oito anos Artur já demonstrava pendor para o teatro, brincando com adaptações de textos de autores como Joaquim Manuel de Macedo, e pouco depois passou a escrever as peças que representava. Muito cedo começou a trabalhar no comércio. Depois foi empregado na administração provincial, de onde foi demitido por ter publicado sátiras contra autoridades do governo. Ao mesmo tempo lançava as primeiras comédias nos teatros de São Luís. Aos quinze anos escreveu a peça *Amor por anexins*, que teve grande êxito, com mais de mil representações no século passado. Ao incompatibilizar-se com a administração provincial, concorreu a um concurso aberto, em São Luís, para o preenchimento de vagas de amanuense da Fazenda. Obtida a classificação, transferiu-se para o Rio de Janeiro, no ano de 1873 e obteve emprego no Ministério da Agricultura.

A princípio, dedicou-se também ao magistério, ensinando Português no Colégio Pinheiro. Mas foi no jornalismo que ele pôde desenvolver atividades que o projetaram como um dos maiores contistas e teatrólogos brasileiros. Fundou publicações literárias, como *A Gazetinha*, *Vida Moderna* e *O Álbum*. Colaborou em *A Estação*, ao lado de Machado de Assis, e no jornal *Novidades*, onde seus companheiros eram Alcindo Guanabara, Moreira Sampaio, Olavo Bilac e Coelho Neto. Foi um dos grandes defensores da abolição da escravatura, em seus ardorosos artigos de jornal, em cenas de revistas dramáticas e em peças dramáticas, como *O Liberato* e *A família Salazar*, esta escrita em colaboração com Urbano Duarte, proibida pela censura imperial e publicada mais tarde em volume, com o título de *O escravocrata*. Escreveu mais de quatro mil artigos sobre eventos artísticos, principalmente sobre teatro, nas seções que manteve, sucessivamente, em *O País* ("A Palestra"), no *Diário de Notícias* ("De Palanque"), em *A Notícia* (o folhetim "O Teatro"). Multiplicava-se em pseudônimos: Elói o herói, Gavroche, Petrônio, Cosimo, Juvenal, Dorante, Frivolino, Batista o trocista, e outros. A partir de 1879 dirigiu, com Lopes Cardoso, a *Revista do*

Teatro. Por cerca de três décadas sustentou a campanha vitoriosa para a construção do Teatro Municipal, a cuja inauguração não pôde assistir.

Embora escrevendo contos desde 1871, só em 1889 animou-se a reunir alguns deles no volume *Contos possíveis*, dedicado a Machado de Assis, seu companheiro na secretaria da Viação e um de seus mais severos críticos. Em 1894, publicou o segundo livro de histórias curtas, *Contos fora de moda*, e mais dois volumes, *Contos cariocas* e *Vida alheia*, constituídos de histórias deixadas por Artur de Azevedo nos vários jornais em que colaborara.

No conto e no teatro, Artur Azevedo foi um descobridor do cotidiano da vida carioca e observador dos hábitos da capital. Os namoros, as infidelidades conjugais, as relações de família ou de amizade, as cerimônias festivas ou fúnebres, tudo o que se passava nas ruas ou nas casas forneceu assunto para as histórias. No teatro foi o continuador de Martins Pena e de França Júnior. Nelas teremos sempre um documentário sobre a evolução da então capital brasileira. Teve em vida cerca de uma centena de peças de vários gêneros e mais trinta traduções e adaptações livres de peças francesas encenadas em palcos nacionais e portugueses. Ainda hoje continua vivo como a mais permanente e expressiva vocação teatral brasileira de todos os tempos, através de peças como *A jóia*, *A capital federal*, *A almanarra*, *O mambembe*, e outras.

Outra atividade a que se dedicou foi a poesia. Foi um dos representantes do Parnasianismo, e isso meramente por uma questão de cronologia, porque pertenceu à geração de Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e Olavo Bilac, todos sofrendo a influência de poetas franceses como Leconte de Lisle, Banville, Coppée, Heredia. Mas Artur Azevedo, pelo temperamento alegre e expansivo, não tinha nada que o filiasse àquela escola. É um poeta lírico, sentimental, e seus sonetos estão perfeitamente dentro da tradição amorosa dos sonetos brasileiros.

Academia Brasileira de Letras
Fevereiro, 2014